

NOS CÍRCULOS INTERNACIONAIS

Dívidas da Sonangol geram dúvidas

Vários analistas referem sistematicamente que as obrigações da Sonangol com bancos europeus estão estimadas em 13 mil milhões USD, entretanto o sistema da Bloomberg contabiliza nove mil milhões USD. Mas as dúvidas dos investidores não se limitam aos números. Há receios quanto à capacidade de a Sonangol cumprir com os pagamentos, depois de ter faltado, em Junho, com a apresentação de provas sobre a 'saúde' da empresa, conforme exigido pelo Standard Chartered. **Pág. 18**



Mário Mujetes © AE

CONSULTORA CESSOU MANDATO

Tesouro dos EUA sem representante em Angola

Após o termo da comissão de serviço de Patricia Bacchi, a consultora residente que ficou por cinco anos em Angola, mais dois do que o permitido pelas regras do Departamento de Estado dos EUA, o Departamento do Tesouro norte-americano não enviou um substituto para trabalhar com as Finanças angolanas.

A explicação é o facto de, alegadamente, não ter encontrado "ninguém com currículo e perfil linguístico disponível". **Pág. 11**

EM DEZ ANOS DE ACTIVIDADE

BDA com perdas de 300 milhões USD

BANCA. O presidente do conselho de administração do Banco de Desenvolvimento de Angola revelou que, ao longo de uma década de actividade, a instituição acumulou perdas avaliadas em 300 milhões de dólares, para as quais foram constituídas as devidas provisões. Manuel Neto da Costa revelou também que, a 31 de Dezembro de 2015, o nível de imparidade do banco roçava os 50% (o equivalente a 55,9 mil milhões de kwanzas) do total do crédito concedido. **Págs. 14 e 15**



Manuel Tomás © AE

Comboios em 'stand by'

A implementação de um plano de modernização dos caminhos-de-ferro custou caro ao Estado. Entretanto, a rentabilização do sector continua a ser uma 'utopia'. Em 14 anos, o comboio ainda sobrevive essencialmente do transporte de passageiros. **Págs. 4 a 9**

Moedas **AKZ** **USD** 166,7 Kz (+0)▲ **EUR** 183,4 Kz (-0,5)▼ **LIBRA** 218,9 Kz (-1)▼ **YUAN** 24,9 Kz (+0,1)▲ **RAND** 11,6 Kz (+0,1)▲

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



CONFRONTOS

A

Casa Civil do Presidente da República, através da Unidade Técnica para o Investimento Privado, e o Ministério da Indústria organizaram um conferência, em Luanda, em que se debateram as oportunidades de investimento no segmento da indústria transformadora. Como era expectável, a oportunidade juntou mais de uma centena de investidores, ávidos por ouvir dos governantes as soluções que existem, face à conjuntura de sérias dificuldades. Mas, sobretudo, muito interessados em expor, numa perspectiva prática, a situação de sobrevivência para a qual muitas empresas estão relegadas. E foi exactamente, nessa sequência, que os factos se colocaram. Inicialmente, coube a palavra aos governantes, entre os quais os ministros da Economia e da Indústria, que, reconhecendo o contexto adverso, repisaram o 'esforço' do Governo no sentido do apoio aos investidores e à actividade empresarial. Os governantes lembraram projectos como o 'Angola Investe', os 'Programas Dirigidos', entre outros, para justificar o argumento de que as autoridades não estão alheias ao auxílio de que os investidores precisam. Abraão



Gourgel, o ministro da Economia, até não teve receios em pisar no terreno movediço das divisas, ao lembrar que as reservas internacionais líquidas se situam em níveis "confortáveis", oscilando acima dos 23 mil milhões de dólares.

Acontece que, hoje, a contabilização do sucesso dos programas oficiais e a sinalização de indicadores que sugerem confortos hipotéticos soam a insulto, aos olhos dos investidores. E foi precisamente isso que se percebeu da intervenção dos vários investidores e representantes de associações empresariais presentes na conferência. Se há empresas com cartas de transferências de 10 mil ou de 17 mil euros pendentes há cerca de um ano em bancos, é impossível 'engolir' o conforto das reservas internacionais líquidas. Se há rupturas de 'stock' de produ-

tos de primeira necessidade, incluindo alimentos e medicamentos, pergunta-se o que se passa, se o país tem divisas em volumes ainda muito acima dos níveis de aflição.

Se há projectos estruturantes em vários sectores que paralisaram por impossibilidade de aquisição de equipamentos no exterior, o discurso sobre a estabilidade das reservas em cambiais torna-se imperceptível aos ouvidos de qualquer um.

Mas talvez valha a pena recuperar outras 'queixas' dos 'homens de negócios' que, nos últimos anos, se tornaram recorrentes. A percepção geral dos investidores sugere que o agravamento sistemático da crise explica-se, em parte, pela incapacidade de definição de prioridades. Ou, na pior das hipóteses, pelo oportunismo e pela irresponsabilidade criminal com que se ignora a execução das prioridades estabelecidas. É aqui onde reside o principal problema. Com a escassez gritante de recursos, devia ser privilegiado, por exemplo, no acesso às divisas, quem tem obra feita e jamais o contrário. Mas isto não bastaria. Mais decisiva ainda seria a necessária postura implacável de quem manda e regula, no sentido do cumprimento das regras de jogo. Entre outros argumentos, é, sobretudo, uma questão lógica, porque a alternativa é a fatalidade.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral-Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo:

António Nogueira

Editor gráfico e chefe de produção: Pedro de Oliveira

Redacção: António Miguel, Edno Pimentel, Isabel Dinis, José

Zangui, Mateus da Graça Filho, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Secretária de Redacção: Lúcia de Almeida

Fotografia: Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Paginação: Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Colaboradores: Cândido Mendes

Produção gráfica: Notiforma SA

Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 N.º de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão, Nelson Manuel e Valdimir de Almeida

Departamento comercial: Arieth Lopes, Geovana Fernandes e Mariquinha Rego

Tel.: +244941784790-(1)-(2)

N.º de Contribuinte: 5401180721; N.º de registo

estatístico: 92/82 de 18/10/82

Tel.: +244 936272323

Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n.º 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones:

+244 222 320510, 222 320511

Fax: 222 320514

A semana

25

3 PERGUNTAS A...



Cleber Corrêa
Promotor imobiliário

Os projectos habitacionais do Estado estarão a influenciar os preços dos imóveis?

A fasquia de pessoas que usufruíram dos projectos do Estado era carente de habitação desse padrão (médio), pois muito do que se construiu foi de padrão alto. Foi bom surgirem esses projectos que, de alguma forma, ajudaram a baixar um pouco os preços no mercado de padrão médio e médio alto.

Porquê que os privados não investem em habitações para o segmento médio baixo?

Porque boa parte dos terrenos estão tomados. São fruto de especulação imobiliária, ou seja, os proprietários pedem preços muito altos que inviabilizam a compra para se fazer produtos baratos. Esses grandes terrenos ocupados deveriam ser objecto de impostos também altos, para que os seus possuidores se vissem impelidos a negociá-los a bom preço em vez de deixá-los parados.

Confirma que há condomínios, construídos há mais de dois anos, que continuam vazios, sem clientes?

Sim, porque foram feitas casas muito grandes e caras. O promotor não consultou as imobiliárias antes de construir e construiu um produto que o mercado não pode pagar.

TERÇA-FEIRA

Realizou-se o seminário Angola e o Investimento Agrícola, promovido pelo Ministério da Agricultura em parceria com o Banco BIC. O ministro da Agricultura, Afonso Pedro Canga, encorajou os empresários angolanos e portugueses a estabelecerem parcerias estratégicas.

QUARTA-FEIRA

O ministro da Economia, Abrahão Gourgel, considerou, em Luanda, que o apoio ao investimento privado na indústria transformadora é fundamental para o desenvolvimento equilibrado da economia e o crescimento do emprego em Angola.

QUINTA-FEIRA

A Administração Geral Tributária da Primeira Região, afecta ao Zaire e Cabinda, esclareceu os procedimentos para a importação, exportação e reexportação de mercadorias aos contribuintes e agentes económicos locais.

SEXTA-FEIRA

A Sonangol EP publicou o seu relatório e contas, referente ao ano passado, onde revela que os resultados líquidos da empresa registaram uma queda significativa, passando de 139 mil milhões de kwanzas, em 2014, para os 47 mil milhões, em 2015.

SÁBADO

O Ministério da Geologia e Minas divulgou que Angola produziu mais de 760 mil quilates de diamantes, avaliados em cerca de 80 milhões de dólares em Junho, facto que reflecte o aumento da produção em 2,28%. As vendas cresceram 5,35% em relação a Maio.

DOMINGO

O presidente do conselho de administração dos Caminhos-de-Ferro de Luanda, Celso Rosas, manifestou o interesse de intensificar a cooperação com empresas portuguesas na área da formação, consultoria e mecânica.

SEGUNDA-FEIRA

A presidente da mesa da assembleia-geral do Banco Prestígio, Maria Luísa Perdigão Abrantes, foi indicada para o cargo de administradora no Centro de Negócios dos Estados Unidos da América/África da Câmara de Comércio dos EUA.

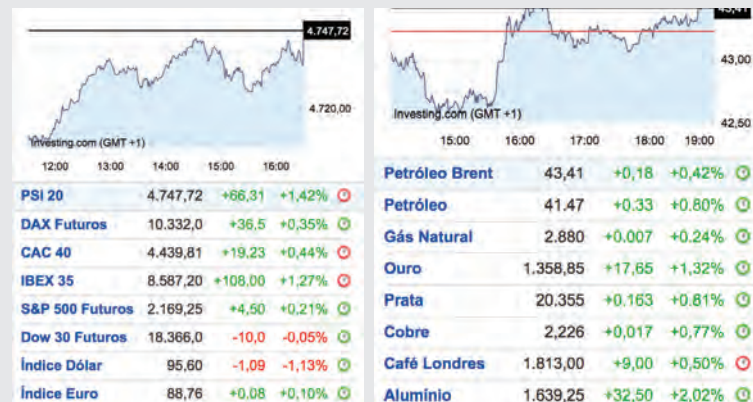


COTAÇÕES



MERCADOS MUNDIAIS MISTOS

Os mercados mundiais fecharam a semana mistos, com a Europa a registar os maiores ganhos desde outubro do ano passado, impulsionada pela banca e pela perda de terreno do dólar face ao euro. As bolsas asiáticas, com excepção do Nikkei japonês, ressentiram-se da valorização do yen, enquanto as bolsas americanas foram salvas pelos resultados das maiores tecnológicas listadas.



PSI20 NO MELHOR MÊS

A bolsa portuguesa valorizou mais de 6,5%, registando o melhor mês desde 1977. Os títulos que lideraram a última corrida da semana foram a Pharol com mais de 70% e a Altri com 19%. O Stoxx 600 que agrupa as maiores cotadas da Europa valorizou 3,64%. O petróleo deu esta semana continuidade à espiral negativa que já lhe levou 20% do valor desde os máximos de junho, mas fechou no verde ligeiro.

Observatório

REDE FERROVIÁRIA NACIONAL

Rentabilização dos comboios só com mais indústria

TRANSPORTES FERROVIÁRIOS. Implementação de plano de modernização dos caminhos-de-ferro consome avultadas somas do Estado. Rentabilização do sector continua, no entanto, a ser 'utopia'. Em 14 anos, o comboio dedica-se essencialmente ao transporte de passageiros, em detrimento das mercadorias.

Por António Nogueira e José Zangui

Durante a primeira década de paz (2002-2012), em Angola, a rede nacional de infraestruturas de transportes 'assumiu' um lugar de destaque na agenda governamental, face à importância que o sector representa para o desenvolvimento económico do país.

Desde então, fortes investimentos públicos têm sido aplicados no sector, particularmente no segmento ferroviário, com vista a dotá-lo de maior dinamização (ver página 07). No entanto, apesar dos esforços engendrados, os resultados alcançados, do ponto de vista da rentabilização, continuam longe de corresponder as expectativas.

Em países de dimensões continentais, como Canadá, Estados Unidos, Rússia e China, as linhas ferroviárias têm uma participação de entre 40% e 60% na matriz de transportes.

Em Angola, ao contrário, os dados oficiais atestam que a participação do transporte sobre trilhos ainda é insignificante, sendo que as estradas movimentam cerca de 80% de todas as cargas no território nacional.

Os gestores das três empresas de caminhos-de-ferro existentes em Angola, nomeadamente o Caminho-de-Ferro de Luanda (CFL), de Benguela (CFB) e de Moçâmedes (CFM), já várias vezes reconheceram, a situação deficitária por que passam as empresas que têm em mãos.

No geral, o serviço prestado por qualquer uma das três empresas ferroviárias limita-se, sobretudo, à transportação de passageiros, em detrimento das mercadorias. Mas os problemas não ficam por aí, sendo que todas as linhas se debatem também com inúmeros constrangimentos de ordem técnica, nomeadamente no capítulo da manutenção das locomotivas (ver página 09).

Embora não tenha revelado o valor das receitas arrecadadas, o presidente do conselho de administração do CFM, Daniel Quipaxe, disse ao VE

que, em 2015, a empresa realizou 1.198 viagens, resultando no transporte de 358.571 passageiros e de 54.344 toneladas de mercadorias diversas. Outros dados oficiais – embora referentes ao primeiro semestre de 2014 – revelam que o CFM, no período em referência, transportou mais pessoas (52.105) do que mercadorias (3.259 toneladas), permitindo a arrecadação de receitas, só com passageiros, na ordem dos 38,4 milhões de kwanzas, enquanto a nível do transporte de cargas foram acumuladas receitas brutas de cerca de 13 milhões kwanzas.

O mesmo quadro se repete nas demais empresas do sector. Em Maio último, o VE publicou um artigo, dando conta de que as infra-estruturas do CFB se estão a degradar por falta de uso, sendo que a linha ferroviária estaria somente a ser explorada a 10% da sua real capacidade.

A situação terá forçado o Ministério das Finanças e as autoridades ferroviárias a entabular negociações, com vista a encontrar a melhor estratégia para colmatar o défice entre os custos operacionais da empresa – calculado

Diariamente mais de 15 mil pessoas são transportadas do troço da estação do Bungo até Catete.



Mário Mujetes © AE

MEMORIZE

● **Em países** de dimensões continentais, como Canadá, Estados Unidos, Rússia e China, as linhas ferroviárias têm uma participação de entre 40% e 60% na matriz de transportes. Em Angola, ao contrário, as estradas movimentam 80% das cargas.

em 225 milhões de kwanzas/mês – e a dotação orçamental, que são apenas de 157 milhões de kwanzas, já que a empresa ainda não é rentável.

Para além de problemas relacionados com as infraestruturas ferroviárias, sendo que alguns troços continuam a ser reabilitados por empreiteiros chineses, o CFB enfrenta o mesmo problema que a sua congénere de Moçâmedes. Ou seja, tem estado a transportar

A história das três linhas que movem Angola

Com 128 anos de serviço, depois de troços amputados durante décadas pela guerra, o Caminho-de-Ferro de Luanda (CFL), o mais antigo dos três, serve hoje, depois da reabilitação de 2011, cerca de 3,5 milhões de passageiros anualmente. A linha do CFL que liga Luanda à província de Malanje,

num percurso de 428 quilómetros veio apresentar uma alternativa à população. Tudo começou em 1881, durante a ocupação colonial. Viviam então em Luanda 15.000 pessoas, entre os quais, cerca de três mil portugueses. O comboio faria a sua primeira viagem de Luanda a Malanje, em 1909

para assegurar o transporte de passageiros e garantir o escoamento. O transporte foi interrompido, devido à guerra entre 1991 e 2011.

O pacote financeiro da parceria entre a China e Angola permitiu também que o Comboio voltasse a apitar no Namibe em 2012.

2002

ANO em que as infraestruturas de transportes, em particular a rede ferroviária nacional, começaram a receber significativos investimentos por parte do Estado.

Rede ferroviária nacional

mais passageiros do que mercadorias, sendo que, no último caso, o serviço se limita ao transporte de cerveja, cimento e combustível do Lobito para Luena (Moxico) e madeira, do Luena para o Lobito.

Numa recente entrevista ao VE, o director do gabinete de intercâmbio, comunicação, marketing e serviços do CFL, Augusto Osório, reconheceu igualmente que a empresa que opera as linhas ferroviárias de Luanda, não é rentável, devido, ao que considera, a função específica que lhe é cometida pelo Executivo, a de transporte de pessoas.

Diariamente mais de 15 mil pessoas são transportadas do troço da estação do Bungo até Catete, sendo que as receitas arrecadadas na venda de bilhetes não cobrem com os custos para manter a circulação diária da locomotiva, apesar do subsídio operacional por parte do Executivo, garante o porta-voz do CFL.

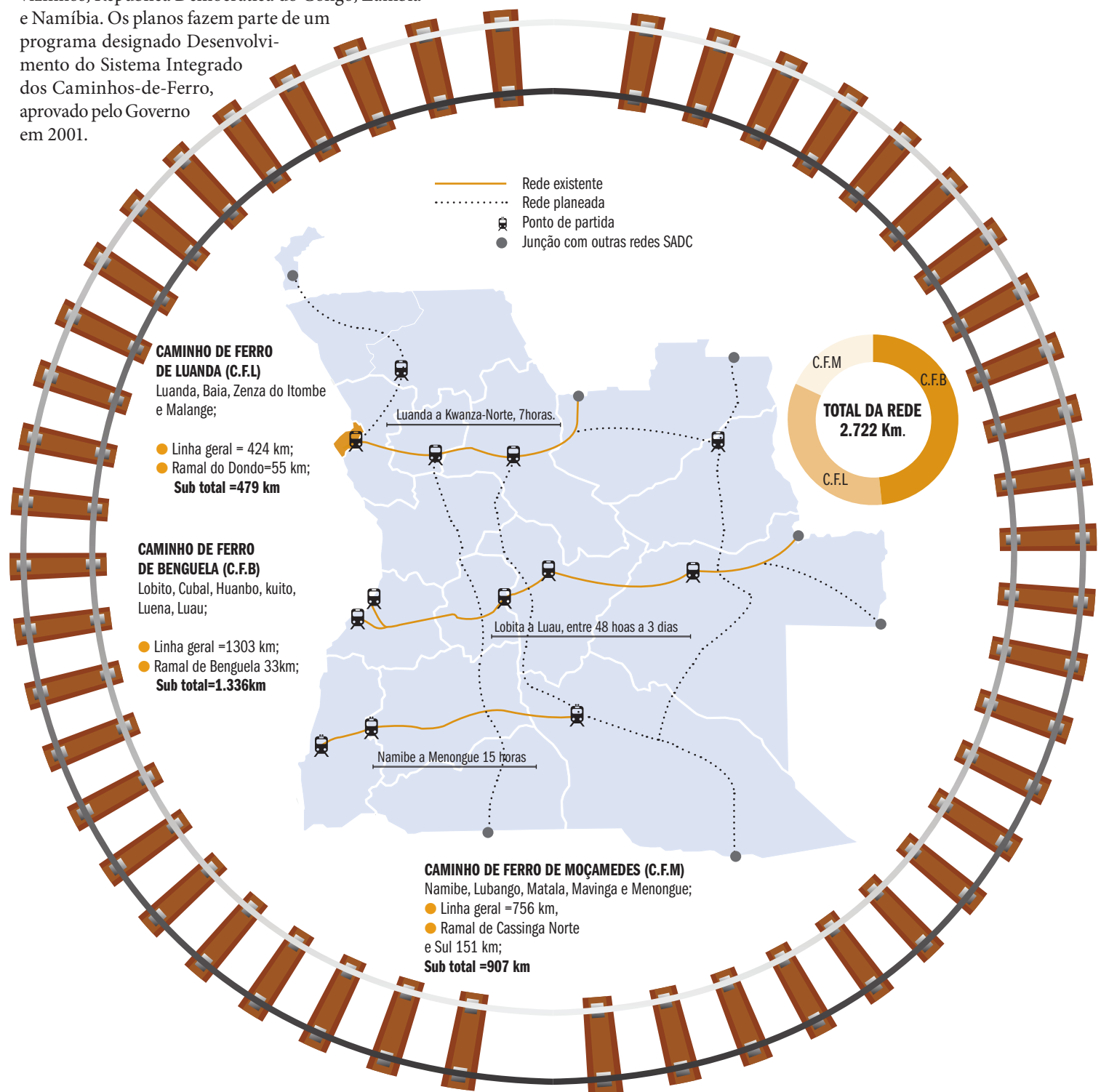
No que respeita a transportação de carga, a empresa tem tentado estabelecer parcerias com produtores nacionais, no sentido de potencializar o segmento. No entanto, os resultados, até aqui alcançados continuam aquém das expectativas.

Recentemente, a empresa anunciou que a falta de vagões de transporte inviabilizou a pretensão do CFL de transportar gás butano para a província de Malanje, por via de um acordo que aquela empresa pretendia estabelecer com a Sonagás, no ano passado.

Para além do transporte regular de passageiros, a empresa transporta, quatro vezes na semana, combustível para Malanje, através da Sonangol logística, além das cargas ligeiras (pequenos embrulhos e quindas dos passageiros).

Os dados oficiais indicam que o CFL arrecada, mensalmente, 42 milhões de kwanzas, fruto da transportação, arrendamento de bens imobiliários e parques de estacionamento, sendo que "50% do valor provém fundamentalmente dos transportes de passageiros,

As três linhas de caminho-de-ferro existentes em Angola – Luanda, Benguela e Namibe – vão ser ligadas às redes ferroviárias existentes nos países vizinhos, República Democrática do Congo, Zâmbia e Namíbia. Os planos fazem parte de um programa designado Desenvolvimento do Sistema Integrado dos Caminhos-de-Ferro, aprovado pelo Governo em 2001.



CONTINUA NA PÁG.6

A linha do Caminho-de-ferro de Moçâmedes, na época colonial conhecida como 'Linha de Moçâmedes', é uma das maiores linhas em África e outrora também das mais importantes.

Foi construída pela administração colonial portuguesa como forma de encurtar as distâncias de África,

tendo sido concluída em 1963. As obras permitiram ainda a construção de 56 estações ao longo de toda a linha férrea, sendo três especiais, no Sacomar (Namibe), Lubango e Menongue; sete estações de primeira classe no Namibe, Bibala, Quipungo, Matala e Jamba, bem como 46 esta-

ções de segunda e terceira classes.

No corredor do Lobito, em Benguela, está o Caminho de Ferro de Benguela (CFB) que criado em 1902, paralisou em 2002. O seu relançamento há cinco anos, está a facilitar as trocas comerciais entre Huambo, Benguela e Moxico. O comboio passa

por vilas e aldeias. Além de percorrer uma vasta área do território nacional, tal como as outras duas, constitui uma importante via de escoamento de produtos. Depois da guerra terminada em 2001, o país iniciou com o processo de reabilitação e modernização das três linhas férreas. O processo permitiu

reabilitação de 2.612 quilómetros e a construção de 151 estações ferroviárias. Este processo iniciou em 2005 e foi concluído no ano passado, com o apitar do Comboio no Luau, província do Moxico. No total, o Estado angolano investiu 365, 1 mil milhões de kwanzas (3,5 mil milhões de dólares).

Observatório

CONTINUAÇÃO DA PÁG.5

35% de cargas transportadas e 15% dos arrendamentos imobiliários”.

O presidente do conselho de administração do CFL, Celso Rosa, disse, em recentes declarações à imprensa, que o total do valor arrecadado corresponde apenas a cerca de 38% das necessidades mensais da empresa ferroviária, sendo que os custos operacionais estão estimados, mensalmente, em cerca de 288 milhões de kwanzas.

OS CAMINHOS DA RENTABILIZAÇÃO

Um estudo sobre o sector elaborado pela Ceso Development Consultants, uma empresa internacional de consultoria, revela que o sector ferroviário nacional tem ainda muita margem para crescimento.

Os gestores ligados às empresas ferroviárias defendem que o preço do bilhete de viagem – que custa em média entre 30 e 500 kwanzas, dependendo da distância do troço – é desproporcional em relação aos custos operacionais e muitos sugerem mesmo soluções em que o preço seja variável atrelado à carga do passageiro. No entanto a consultora sugere soluções diferentes. Segundo a análise uma nova estratégia de rentabilização do sector teria de ter como ponto de partida a existência de um plano nacional de plataforma logística que, de resto, iria impulsionar a extensão do desenvolvimento da rede ferroviária nacional.

O estudo destaca dois grandes corredores existentes no país, que deveriam ser mais explorados, no sentido norte-sul, onde se encontra a maior concentração de população e onde se concentra também o principal sustentáculo da actividade económica na actualidade.

“Estes eixos interceptam as principais cidades e que são simultaneamente capitais de província, com excepção do Lobito”, consideram os pesquisadores da Ceso Consultant, realçando que “os dois eixos verticais - corredor litoral e central orientados no sentido norte-sul -, quando considerados global-

mente e na sua maior extensão, desde as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge, Malanje até ao Cunene, elevam a população para um total de 13,4 milhões de habitantes, o que passa a representar uma percentagem de mais de 70% na população do país”.

Para além deste aspecto, a pesquisa ressalta igualmente “a existência de um corredor-este no sentido longitudinal, com grande carga populacional e actividade económica, que se estende de Lobito/Benguela até, pelo menos, ao Kuito, passando pelo Huambo”, onde a actividade ferroviária poderia igualmente tirar maior proveito.

“Tanto o primeiro como o segundo caso, estão no eixo de simetria das linhas férreas do Caminho-de-Ferro de Benguela (CFB) e do Caminho-de-Ferro de Luanda (CFL), respectivamente, o que evidencia a importância da rede ferroviária na estruturação do território e na fixação das populações”, destaca o estudo.

O corredor litoral, onde se encontram os principais portos do país, nomeadamente de Luanda, Lobito e, futuramente, o do Amboim, permite, segundo a consultora, uma articulação perfeita com a rede de c a b o t a g e m prevista para o Norte de Angola (Cabinda Soyo e NZeto).

O Estado, entretanto, tem alocado recursos a um sistema integrado de transporte, que tem como espinha dorsal a construção de ferrovias estruturantes, como o que já implantou a Norte (que permite a conexão entre as regiões de Luanda a Malanje em 427 km de extensão), a Oeste-Leste (ligando Benguela ao

Moxico com 1340 km de linha) e a Sul (da cidade de Moçâmedes até Menongue 842 km de malha).

Apesar de terem sido já repostas as linhas ferroviárias nacionais, uma fonte conhecedora dos meandros da actividade ferroviária lamentou, em declarações ao VE, o facto de se estar ainda hoje a verificar uma maior concentração do investimento industrial na capital do país e nas cidades provinciais, em detrimento das regiões por onde passa a malha ferroviária nacional.

“Do ponto de vista da reposição da circulação ferroviária deveríamos começar já a assistir a uma maior tendência dos industriais em se ir posicionando ao longo da via. Mas o que assistimos é que todo o investidor continua ainda interessado em somente instalar indústrias nas cidades das províncias. O país não cresce assim. Continuamos a sobrecarregar as cidades, quando a guerra já não existe; as estradas já estão boas e as linhas férreas foram

repostas”, desabafou.

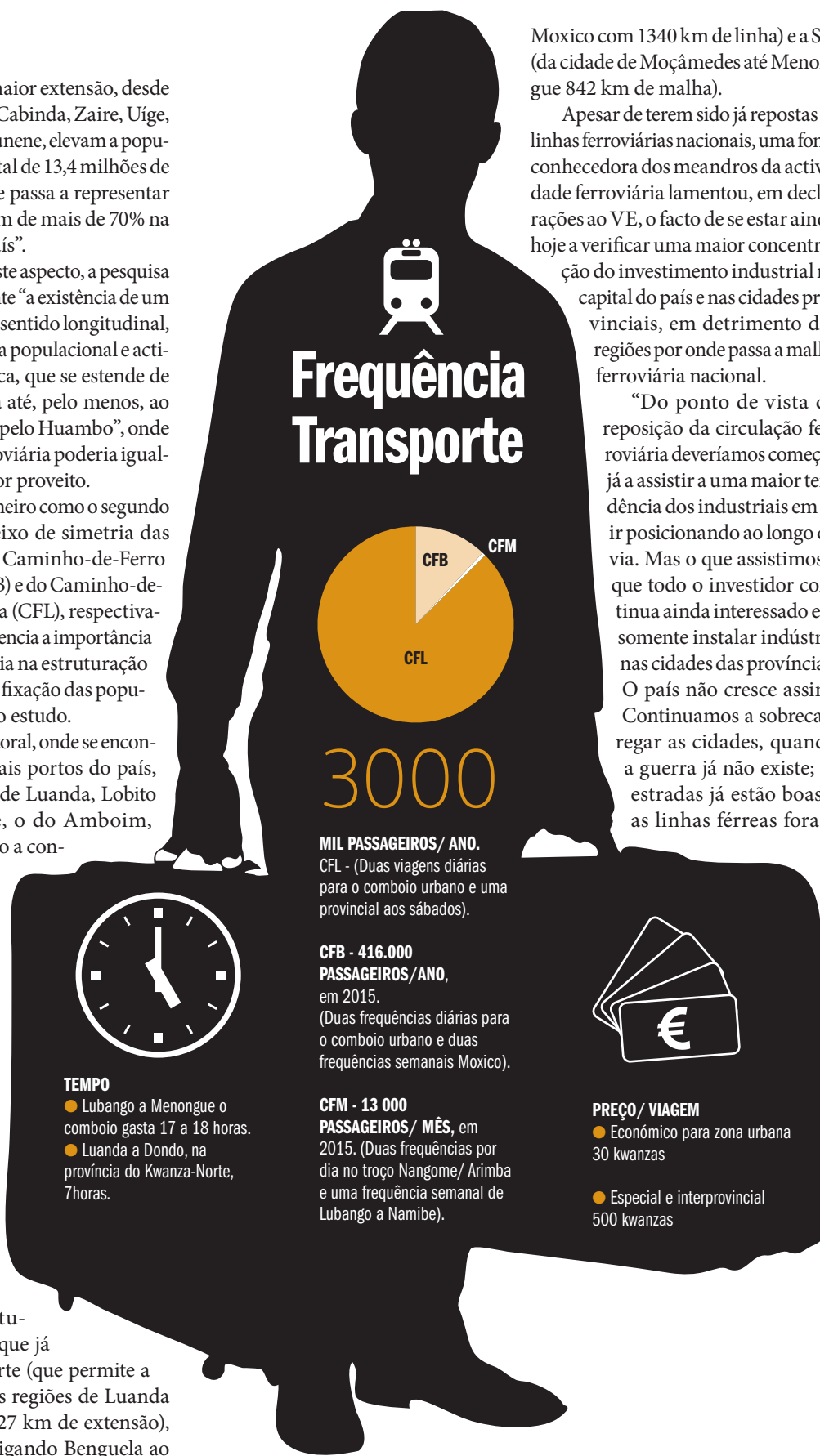
Um outro industrial contacto por este jornal, que preferiu falar sob anonimato, considera que a falta de energia eléctrica e de água nalguns pontos da malha ferroviária tem constituído as principais barreiras para a presença mais significativa de pequenos empresários e empreendedores nas zonas em referência.

“Para instalarmos uma pequena empresa, precisamos, regra geral, de ter corrente eléctrica próxima do local onde efectuamos o investimento. Na verdade, este é um dos maiores handicaps que alguns empreendedores enfrentam para se instalar ao longo do traçado ferroviário nacional”, avançou.

Como resposta à falta de energia nalguns pontos por onde passa a malha ferroviária, a fonte que vimos citando é de opinião de que a existência de bombas de combustíveis em contentores móveis poderia constituir alternativa.

Já o economista António da Conceição considera que, com a conclusão das obras de reabilitação e modernização das linhas férreas nacionais, o sector está revitalizado e opera hoje com excelentes níveis de segurança e eficiência”.

No entanto, o especialista alerta que, de momento, “o país precisa olhar para a frente”. “Todos sabemos que o desenvolvimento do país, nas próximas décadas, depende essencialmente de investimentos maciços na infraestrutura, inclusive na logística de transporte de cargas. Estes investimentos precisam acontecer desde já, para que tenhamos condições de atender plenamente às demandas da competitividade no cenário internacional”, considera.



42

Milhões de kwanzas é a receita mensalmente arrecadada pelo CFL, fruto da transportação de passageiros e arrendamento de bens imobiliários.

Ligar as capitais por ferro e comprar novas locomotivas

O Plano Geral para Construção da Rede Nacional Ferroviária está focalizado na busca de financiamento para um investimento total de 50 mil milhões de dólares. O plano prevê a ligação, num horizonte de 15 anos, de todas as capitais de província, uma extensão de cerca de 10 mil quilómetros, segundo

dados oficiais e a implementação de pontos economicamente estratégicos ao longo do trajecto. Enquanto se aguarda pelo financiamento, a esperança dos gestores dos caminhos-de-ferros estão depositadas na compra de locomotivas e vagões, anunciadas no ano passado pelo director do Insti-

tuto Nacional dos Caminhos de Ferro, Júlio Bango.

Segundo um relatório do Caminho de Ferro de Moçâmedes a que o VALOR teve acesso, a aquisição de novos meios vai fazer com que sejam revistas as frequências de modo a aumentar as operações comerciais

1.340

QUILÓMETROS é a extensão total da malha ferroviária que liga Benguela ao Moxico, a maior de todas as linhas do país.

Rede ferroviária nacional planeada

- 1** ● **EXTENSÃO DO CAMINHO DE FERRO DE LUANDA**
(Aguarda Estudo de Viabilidade e projecto de Execução):

Extensão prevista + ou - 527 km;

Localidades por onde vai passar:
Malanje, Caculama Xá Muteba, Capenda, Camulemba, Cacolo Saurimo, onde interliga com a transversal do Leste.
- 2** ● **EXTENSÃO DO CAMINHO DE FERRO DE MOÇAMEDES**
(Aguarda Estudo de Viabilidade Técnica e projecto de Execução):

Extensão geral previsto +ou -180 km;

Localidades por onde vai passar:
Menongue, Longa, kuito Cuanaval onde interliga com a Ttransversal do Leste.
- 3** ● **TRANSVERSAL NORTE-SUL**
(Aguarda Estudo de Viabilidade Técnica e projecto de Execução):

Extensão geral previsto +ou- 896 km;

Localidades por onde vai passar:
Caminho de Ferro do Congo (Miconje-Uíge), Uíge, Negage, Camabatela, Luínga, Calandula, Malanje, Cangandala, Mussende, Calussinga, Andulo, Cuhinga, Kuito, Chitambo, Cuvango, ligação com os Caminhos de Ferro da Namíbia.
- 4** ● **TRANSVERSAL DO LESTE**
(Aguarda Estudo de Viabilidade Técnica e projecto de execução):

Extensão geral prevista +ou- 1.353 km;

Localidades por onde vai passar:
Chitato, Luachimo, Dundo, Camissombo, Lucapa, Saurimo, Camanogue, Luena (CFB), Lucusse, Cassamba, Cangombe.
- 5** ● **LIGAÇÃO DOS 3 CAMINHOS DE FERRO EXISTENTES (C.F.L, C.F.B e C.F.M)**
(Aguarda Estudo de Viabilidade Técnico e Projecto de Execução):

Extensão geral prevista+ou- 589 km;

Localidades por onde vai passar:
Dondo (CFL), Quibala, Waco kungo, Huambo, (CFB), Cuíma, Cuvango (CFM).
- 6** ● **LIGAÇÃO COM OS CAMINHOS DE FERRO DA NAMÍBIA**
(Aguarda o Estudo de Viabilidade Técnica e projecto de execução):

Extensão geral prevista +ou- 343km;

Localidades por onde vai passar:
Cuvango, Cassai, Xamutete, Cuvelai, Mupa, Evale Ondjia, Namacunde, onde interligará com a linha Tsumeb - Oshikango na Namíbia.
- 7** ● **LIGAÇÃO COM O (ZAMBIAN RAILWAYS)** (Aguarda o Estudo de Viabilidade Técnica e projecto de execução):

Extensão geral prevista +ou- 306 km;

Localizações que interconecta:
Interconecta o CFB no Luacano;

Localidades por onde vai passar:
Lacano, Lago Dilolo, Sapito, Samucaí, Cazombo, Camanga, Calunda, Macongo, onde interliga com a nova mina do Lumwana na construção na Zâmbia.
- 8** ● **CAMINHO F. DO CONGO - C.F.K**
(Estudo de Viabilidade Técnica de projecto de Execução em curso):

Extensão geral prevista + ou -950 km;

Localizações que interconecta:
Interconecta o CFL no Baía.

Localidades por onde vai passar:
Baía, Caxito, Ucuá, Quibaxe, Dange, Huije, Songó, Lucunga, Madimba, Mbanza Congo, Quiende, Lufico, Soyo, atravessa o Rio Zaire na ponte prevista entre Soyo e Munanda, percorre + ou - 40 km na RDC, passa pelo Imã, Cabinda, Landana, Bucu Zau, Belize e termina no Miconje onde interliga com o (Congo-Brazzaville).



Mário Mujetes © AE

GENERAIS ENTRE SUPOSTOS POTENCIAIS INTERESSADOS

Governo prevê, em segredo, alienar gestão dos caminhos-de-ferro

Por José Zangui

A situação financeira das empresas ferroviárias é débil. O CFL recebe mensalmente um subsídio de 102 milhões de kwanzas, segundo o seu responsável, Celso Rosa. O próprio ministro dos Transportes, em 2011, admitiu, no Bié, que as receitas não cobrem os custos, tendo defendido que o principal objectivo das empresas ferroviárias seria a facilitação da circulação de pessoas e bens para alavancar a economia.

Para rentabilizar as empresas do sector, o Governo tem, em carteira, o plano de fusão das três principais empresas de caminhos-de-ferro que já possuem infraestruturas com construção concluída. O próximo passo

será a passagem da gestão comercial a entidades privadas em modelos de parcerias público-privadas.

Para já poucos arriscam em avançar datas e nomes de empresas que se perfilam para assumir os desafios. Mas, em 2014, o 'África Monitor' apontava o grupo Cochán, cuja propriedade é atribuída ao general Leopoldino do Nascimento "Dino", para a exploração do Caminho-de-ferro de Benguela. O grupo Gen, atribuído ao general João de Matos e o próprio ministro dos Transportes, Augusto Tomás, são também apontados como potenciais interessados no negócio. Entretanto, no ano passado, Augusto Tomás rejeitou, na Assembleia Nacional, a possibilidade de privatização dos caminhos-de-ferro de Angola, lembrando que, no sector, foram realizados avultados investimentos para a sua ampliação e remodelação na última década. Segundo o governante, "não existe nada que diga respeito à privatização

dos caminhos-de-ferro de Angola, e o assunto é pura especulação".

A posição do governante surgira em resposta à questão levantada pelo vice-presidente da bancada parlamentar da UNITA, Adalberto da Costa Júnior, sobre notícias que davam conta da intenção de privatização dos caminhos-de-ferro de Angola.

Na mesma ocasião, o ministro admitiu que, a nível da exploração comercial, nomeadamente para o transporte de pessoas e mercadorias, estaria prevista a possibilidade de entrada de parceiros privados, que possam trazer capacidade tecnológica e 'know-how'.

O último relatório do Centro de Estudo e Investigação Científica (CEIC) da Universidade Católica de Angola, publicado no recente mês de Agosto, também confirma, no entanto, a existência dessa intenção das autoridades angolanas de passagem da gestão comercial dos caminhos de ferro a entidades privadas.

possibilitando o equilíbrio das contas.

O CFL submeteu um plano ao Ministério dos Transportes que prevê a compra de vagões para o transporte de contentores, viaturas e outros bens.

O VALOR sabe que o Governo emitiu duas garantias bancárias do Estado, no valor de mais de 61 milhões

USD para avançar com o financiamento à aquisição de 100 novas locomotivas à norte-americana General Electric (GE).

A informação consta de um despacho presidencial que justifica a medida com o "interesse estratégico" da redução dos custos de transporte,

ferroviário, e para o "desenvolvimento sustentável" da economia nacional.

O negócio, de acordo com o despacho, prevê também a reparação das locomotivas que se encontram em circulação na malha ferroviária nacional e aprova a concessão de duas garantias bancárias pelo Estado para a cober-

tura no valor de 61,3 milhões USD e 3,4 milhões USD.

O Governo assinou em 2013 um memorando de entendimento com a GE, na área dos transportes ferroviários e aviação, prevendo nomeadamente o fornecimento destas 100 locomotivas até 2018.

O director do Instituto Nacional dos Caminhos de Ferro de Angola, Júlio Bango Joaquim, à data do fecho desta edição encontrava-se nos Estados Unidos da América, país sede da empresa com que Angola tem acordo de fornecimento de locomotivas, a General Electric (GE).

Observatório



Manutenção sem mecânicos

Limitações no domínio da mecânica e factores naturais como chuvas e ravinas levam locomotivas a interromper a viagem ao longo do percurso. Por enquanto, frequentemente, a manutenção é feita na África do Sul.

Aspectos de natureza técnica e logística têm dificultado o normal funcionamento dos comboios. Há casos em que ficam paralisados horas e até dias na linha férrea, impedindo frequentemente a passagem de outras locomotivas. Em casos mais graves, a circulação é interrompida durante semanas, devido à progressão de ravinas no troço como é frequente entre Luena e Huambo, ou ainda pelas grandes quantidades de lixo arrastado pelas chuvas, como acontece no Caminho-de-ferro de Luanda. Estes factores resultam em perdas de tempo e de receitas. O CFL, com custos totais mensais estimados em 288 milhões de kwanzas, arrecada em receitas apenas 42 milhões por mês. Já, no CFM, o seu director, António Canda, revela que, em 2015, houve prejuízos de 15 milhões de kwanzas.

Os gestores justificam as perdas com as limitações no domínio da mecânica, da electrotecnia e electrónica, que obrigam à transferência de motores e material circulante

para revisões na África do Sul.

“Por ausência de capacidade humana certificada, não conseguimos dar resposta a determinadas avarias que registamos em motores e outros equipamentos das nossas máquinas”, explicam.

Para suprimir alguns dos problemas técnicos, o Governo assinou, com a General Electric, um acordo de reabilitação de quatro oficinas gerais (Luanda, Lobito, Huambo e Lubango), para a reparação das locomotivas no país.

No Caminho-de-ferro de Luanda, já foram iniciadas as obras da duplicação da linha do troço Bungo/Baía, e a construção de um novo ramal de ligação ao novo aeroporto. Está em carteira também a construção de seis estações intermodais, que vão permitir que dois comboios possam circular no mesmo percurso ou encontrarem-se no ponto de confluência.

No capítulo logístico, a falta de vagões inviabilizou a pretensão do CFL de transportar gás butano para Malanje, no âmbito de um acordo que a empresa pretendia estabelecer com a Sonagás. De acordo com o porta-voz do CFL, Augusto Osório, o arranque deste processo estava previsto para Setembro de 2015.

No Sul do país, os gestores queixam-se também do vandalismo e do roubo de carris por parte da população.

Por José Zangui

DANIEL QUIPAXE, PCA DO CFM

“As obras no troço estavam a dificultar o transporte de mercadorias”

ENTREVISTA. Gestor realça, em entrevista, que a conclusão das obras de reabilitação no troço entre Namibe e Menongue, deu à empresa uma nova ‘lufada de ar’, sendo que permitiu aumentar a frequência de transportação, quer de passageiros, quer de mercadorias.

Por António Nogueira

A reabilitação da malha ferroviária entre o Namibe e a cidade do Menongue, operado pelo CFM, está concluída. O que isto pode significar, em termos de resultados, para a empresa?

Este facto atribui à empresa uma imagem mais moderna, digna de estar inserida num contexto de competitividade nacional. De recordar que, em termos operacionais, relançamos a actividade comercial em Setembro de 2013, actividade que

vínhamos realizando paralelamente ao término das obras de reabilitação e de modernização das linhas. Felizmente, em Setembro de 2015, recebemos, de forma provisória, as principais infraestruturas ferroviárias, acto levado a cabo pelos empreiteiros China Hyway Group e CFM-EP. A passagem da gestão da infraestrutura para o CFM permitiu o aumento das frequências do comboio diário misto e de passageiros no troço Lubango/Menongue e vice-versa, passando para oito frequências semanais, tendo repercutido positivamente, em termos de resultados. Isto porque houve um aumento substancial na transportação de passageiros e mercadorias de 107% face ao ano de 2014.

Há notícias de que a empresa regis-

tou recentemente avultados prejuízos por alegadamente estar a haver muita lentidão na rota Namibe/Lubango. Pode comentar?

Aguardávamos a recepção provisória da linha férrea, por parte da empreiteira chinesa que impunha algumas limitações na circulação, o que condicionava a venda de serviços de transportes de mercadoria em grande escala, sob o risco de não cumprirmos com os prazos de tramitação de mercadorias dos clientes. Mas transportamos, de forma tímida, combustível e granito negro, desde Junho de 2014. Acreditamos, que face à situação vigente, na altura, não tivemos prejuízos, apenas deixamos de arrecadar receitas, situação já ultrapassada com a recepção provisória das infraestruturas, facto que nos coloca em posi-



As 20 maiores malhas ferroviárias de África (Km)

Esta variável indica o comprimento total da rede ferroviária e de seus componentes classificadas por largura da via: ampla, padrão, estreita e dupla.

PAÍS	LINHA FERROVIÁRIA/KM	ANO
1 - África do Sul	20,192	2008
2 - Sudão	5,978	2008
3 - Egípto	5,083	2008
4 - Moçambique	4,787	2008
5 - RDC	4,007	2008
6 - Argélia	3,973	2008

1.449

NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS
do Caminho de Ferro de Moçâmedes,
171 dos quais do sexo feminino.



ção de desempenhar cabalmente a nossa missão, o transporte de mercadorias e passageiros.

Qual é a média de passageiros e de mercadorias transportadas diariamente pelo CFM?

Com o advento das frequências de comboio diários misto e de passageiros, estamos a transportar uma média diária de 3.000 passageiros, distribuído entre o comboio misto, de passageiros e suburbano. A nível da carga, transportamos 600 toneladas de mercadorias diversas.

Que tipo de mercadorias são mais transportadas pelos comboios do CFM, sendo que na zona onde opera começa já a surgir alguma actividade industrial, como é o caso da siderurgia do Cochi?

O CFM tem capacidade técnica e humana para transportar todo o tipo de mercadoria, desde que seja solicitado para o efeito. Actualmente transportamos, de forma consolidada, combustível da Sonangol Logística, fruto de um contrato entre as duas empresas e granito negro, em grande escala.

Por outro lado, está em carteira uma parceria com a SOGESTER, empresa gestora do transportar 80% da carga deste porto para as províncias da Huíla e do Kuando-Kubango, assim como transportamos diariamente produtos do campo como milho, massango e outros cereais. Está a ser construído um porto seco, na comuna da Arimba, a 20 quilómetros da cidade do Lubango, que vai permitir que os importadores locais deixem de tramitar carga no porto do Namibe e passam a fazê-lo no Lubango.

Qual tem sido a frequência de viagens por dia, quer na rota para Menongue, quer na rota para o Lubango?

Desde Setembro de 2015, aquando da recepção provisória da linha férrea, passamos a realizar frequências diárias do Lubango para o Menon-

A passagem da gestão da infraestrutura para o CFM permitiu o aumento das frequências do comboio diário misto e de passageiros no troço Lubango/Menongue e vice-versa.

O grande objectivo é alcançar a sustentabilidade económico-financeira, que se traduzirá no aumento das operações comerciais.

gue e vice-versa, sendo um comboio misto (carga e passageiros) e outro só de passageiros, permitindo que o passageiro embarque só com a sua bagagem.

Como tem sido feita a manutenção das locomotivas?

Dispomos de uma oficina, onde fazemos as manutenções do material motor e rebocado, diária, semanal, e quinzenalmente, além das chamadas grandes reparações. Nem tudo tem sido fácil, porque nos debatemos com a falta de material de reposição que não se encontra no mercado nacional, mas temos estado a cumprir com o programa de manutenção que visa garantir a segurança e longevidade do equipamento.

Qual é o número de trabalhadores que emprega actualmente a empresa?

A empresa tem, neste momento, 1.449 funcionários, sendo que 1.269 são do sexo masculino, representando 88% e 171 do sexo feminino, correspondendo a 12%.

Temos estado a valorizar e a reaproveitar os quadros internos, por razão da crise que condiciona a admissão de novos trabalhadores.

Quais são as perspectivas da empresa para o presente ano?

Para 2016, objectivamos a promoção da eficiência, como foco estratégico do CFM.

O grande objectivo é alcançar a sustentabilidade económico-financeira, que se traduzirá no aumento das operações comerciais, sendo que já foram recepcionadas as infraestruturas reabilitadas para equilibrar as contas de exploração. Para tal, pretendemos, dentre outras acções, oferecer aos nossos clientes um transporte de passageiros e mercadorias com qualidade, eficiência e eficácia.

Atrair e cativar importadores da zona Sul, dinamizar o corredor logístico de Moçâmedes, maximizar a rentabilidade, explorando as oportunidades de negócios e reduzir os custos operacionais.

Como é que está a empresa CFM, em termos de homologação de contas?

Relativamente à homologação de contas, temos pautado por uma gestão rigorosa e transparente que permitiu que, nos últimos dois, as nossas contas fossem homologadas excepcionalmente pelo Instituto para o Sector Empresarial Público (ISEP), o que nos motiva e mostra que estamos no bom caminho naquilo que são as práticas de boa gestão da coisa pública.

Continuamos a trabalhar abnegadamente para melhorar e passar a condição de homologação isenta de qualquer reserva.

7 - Tanzânia	3,689	2008
8 - Níger	3,505	2008
9 - Nigéria	3,505	2008
10 - Zimbabué	3,427	2008
11 - Angola	2,764	2008
12 - Namíbia	2,626	2008
13 - Tunísia	2,165	2008

14 - Zâmbia	2,157	2008
15 - Marrocos	2,067	2008
16 - Quénia	2,066	2008
17 - Uganda	1,244	2008
18 - Guiné	1,185	2008
19 - Camarões	987	2008
20 - Gana	947	2008



20,192

Quilómetros, é a extensão da maior malha ferroviária do continente africano, localizada na África do Sul.

Economia/Política

CONTAS DE 2015

Fomento à indústria rural executado em apenas 20%

INDÚSTRIA. Programa de Fomento à Indústria Rural (PROFIR), que visa a criação e requalificação de micro-empresas industriais, com dificuldades para atingir metas. Este ano deve ficar-se nos 50%.

Por Isabel Dinis

A

execução do Programa de Fomento à Indústria Rural (PROFIR) atingiu apenas 20% dos objectivos,

em 2015, revelou, em exclusivo, ao VALOR, a ministra da Indústria. Bernarda Martins detalhou que, o ano passado, estava prevista a construção de 23 novas unidades industriais e a requalificação de 85 já existentes, entretanto a conjuntura económica afectou significativamente as metas. Para este ano, o PROFIR prevê abranger 74 unidades, 37 das quais novas, atingindo os 50%, ao passo que, para o próximo ano, o objectivo passa pelo lançamento de 74 unidades, entre as quais 57 novas. A meta geral visava operacionalizar 256 pequenas unidades industriais até 2017, repartidas entre 117 novas e 139 existentes, sendo que o apoio aos empreendedores passaria por financiamentos, através de crédito bancário. “A essência do

programa é fomentar o surgimento de pequenas indústrias no campo, onde haja produtos para transformar, agrícolas e outros”, declarou a ministra.

Para dar suporte à implementação do programa, o Ministério da Indústria planeia oferecer formação teórica ‘on the job’, durante as horas de trabalho, além de prever “um rigoroso controlo de qualidade dos produtos”.

Bernarda Martins considera que, não obstante as dificuldades de recursos com que Angola se debate nos últimos tempos, o programa já começou “a dar os primeiros passos, com os poucos recursos existentes”. Até ao momento já se encontra na comuna da Canjala (Benguela) e no Tomboco (Zaire) e posteriormente deve ser implementado em outros municípios.

POR DENTRO

O Programa de Fomento à Indústria Rural enquadra-se no Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) 2013-2017 e faz parte do plano de industrialização do país. Os objectivos gerais incluem a promoção e o estímulo à criação e requalificação de micro-empresas industriais, em todas as comunas e municípios, instalando-as em pequenos parques industriais.

256

Total de unidades industriais que devem ser construídas e recuperadas, no âmbito do PROFIR

O PROFIR, segundo um decreto presidencial datado de 13 de Maio de 2015, está programado para abranger os sectores da indústria alimentar, indústria da madeira, agro-indústria e prestação de serviço e outras actividades.

Na indústria alimentar, a aposta está virada para as unidades de panificação e pastelaria, unidades de seca de peixe e unidades de processamento de mel e cera.

Na agro-indústria, o programa visa promover a construção ou requalificação de moinhos de mandioca para a produção de fuba de bombó, unidades de torrefacção de farinha de mandioca, moinhos de milho para a produção de fuba de milho, unidades de produção de doces e polpas, unidades de produção e embalagem de óleo de palma, unidades de transformação e torrefacção de café, unidades de destilação de cana-de-açúcar e milho, unidades de produção de



Bernarda Martins, ministra da Indústria duas empresas

Santos Samuessa © VE

ração e unidades de secagem, descasque, branqueamento e embalagem de arroz.

Para a ‘indústria da madeira’, o objectivo é promover serrações, carpintarias, marcenarias e estofadores.

Na ‘prestação de serviços e outras actividades’, o programa prevê desenvolver ou requalificar serralharias,

oficinas de motorizadas e triciclos, e reparação dos respectivos pneus e câmaras-de-ar, oficinas para tractores agrícolas, reboques, alfaias e unidades de reparação dos seus pneus e câmaras-de-ar, alfaiatarias por medida, unidades de confecção de roupa, unidades de olaria, unidades de reciclagem de óleos, materiais ferrosos e plásticos.

PARA COBRIR DESPESAS OPERACIONAIS

Chartered Bank financia Sonangol em 1000 milhões USD

O relatório e contas da Sonangol EP, divulgada recentemente, assinala que a petrolífera estatal angolana contraiu um empréstimo de 1000 milhões de dólares junto do Standard Chartered Bank para financiar despesas operacionais em 2015.

Com um prazo de amortização de cinco anos, o financiamento foi contraído num ano de fortes dificuldades financeiras da petrolífera, decorrentes da quebra, para metade, nas receitas com a exportação de petróleo.

tação de petróleo.

Este empréstimo junta-se a outras operações anteriores entre o SCB e a Sonangol – 3,5 mil milhões de dólares em dois empréstimos a 84 meses concedidos em 2014 – e é justificada no documento face à “necessidade de um reforço” para “financiar” os “projetos de capitais estruturantes e outras despesas operacionais” do grupo estatal do setor petrolífero.

O documento revela que a

dívida líquida da Sonangol ascendeu, a 31 de Dezembro de 2015, a 7,5 mil milhões de dólares, valor superior em 2 mil milhões de dólares em relação ao período homólogo do ano anterior.

A petrolífera estatal fechou o exercício de 2015 com activos de 38,2 mil milhões de dólares e um capital próprio total de 15,2 mil milhões de dólares, incluindo 284 milhões de dólares de resultados líquidos positivos.



PELO MENOS 250 mil litros de mel são produzidos anualmente no Kuíto, Bié, segundo o responsável da Estação de Desenvolvimento Agrário, Azevedo Saliunga. O produto é exportado para a África do Sul, França e Brasil, além do consumo interno.



O **DIRECTOR** da primeira região tributária, Celestino Culecalala, alertou para a necessidade de se reforçar o controlo de entrada e saída de mercadorias no posto aduaneiro do Luvo, no Zaire, num encontro com comerciantes e funcionários da AGT.



Mário Mujicães © VE

CONSULTORA RESIDENTE DEIXOU O PAÍS ESTE ANO

Tesouro dos EUA sem representante em Angola

PARCERIA. Patricia Bacchi ficou cinco anos em Angola, mais dois anos do que o inicialmente previsto. E sentia que havia mais trabalho para fazer.

Por Cândido Mendes

O Ministério das Finanças está, desde o ano passado, sem uma representante do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, depois de Patricia Bacchi, antiga consultora-residente, ter partido com o termo da comissão de serviço no país, soube o VALOR de fontes próximas às entidades.

Patricia Bacchi, cidadã norte-americana, aportou em Luanda, em 2011, e trabalhou como consultora para a gestão da dívida, na esteira da implementação do acordo Standby do Fundo Monetário Internacional, através do qual Angola recebeu um crédito de 1,4 mil milhões de dólares, para financiar a sua balança de pagamentos e fortalecer as reservas internacionais líquidas.

Tendo as várias missões do FMI constatado a necessidade de uma melhor gestão da dívida angolana,

as autoridades angolanas acordaram em trabalhar com o Departamento do Tesouro (o 'Ministério das Finanças' dos EUA) por intermédio de uma consultora-residente.

O acordo previa apenas três anos de consultoria, obedecendo a regras do Departamento de Estado dos EUA (o equivalente ao Ministério das Relações Exteriores) que estabelece um máximo de 30 meses para qualquer funcionário público norte-americano em comissão de serviço, num determinado país. "Só os que laboram em projectos de continuidade, como os da USAID, podem chegar a seis anos", comentou uma fonte do VE que solicitou anonimato por não estar autorizada a falar do assunto.

Segundo a mesma fonte, Patricia Bacchi chegou a acertar com embaixada dos Estados Unidos e, com o aval do governo norte-americano, reuniu a papelada para a renovação do contrato que endereçou ao Departamento do Tesouro. No entanto, esta entidade "recusou que ela permanecesse, embora sensibilizada com as razões evocadas para a continuação da obra. "Já pisámos no risco vermelho, ultrapassá-

mos os prazos de permanência, não vamos transformar isso em norma", terá respondido o Departamento do Tesouro que se propôs procurar "outra pessoa." Entretanto, as autoridades norte-americanas não terão encontrado "mais ninguém disponível com o perfil linguístico e currículo para substituir Patricia Bacchi, que, entretanto, partira de volta com a família para Washington DC.

Os "problemas" que Patricia Bacchi terá detectado no Palácio de Vidro na Mutamba e que justificaram a sua tentativa de permanecer em Angola, apesar de ter ultrapassado dois anos sobre o tempo previsto, são desconhecidos. Mas algum do seu trabalhado teve rosto visível. Em 2011, logo no início do seu consulado, orientou um seminário a representantes dos ministérios da Economia, das Finanças e do Planeamento, do Banco Nacional de Angola, do Banco de Poupança e Crédito e da Sonangol, com o tema 'Gestão do Fluxo de Caixa' que visava ajudar os agentes do estado a terem "ferramentas que lhes permitissem saber dos recursos que têm à disposição e onde aplicá-los com precisão", como referiu na altura.

FINANÇAS PÚBLICAS DEBATIDAS

Governo aperta fisco com tecnologias

O Ministério das Finanças está a criar condições para reduzir a dependência de receitas provenientes do sector petrolífero. Por isso, desenvolve sistemas informáticos de gestão e contributos internos e aduaneiros. "Nos dias de hoje, é impensável fazer uma gestão eficaz das finanças públicas sem o recurso das tecnologias de informação e comunicação, afirmou a secretária de Estado das Finanças.

Valentina Filipe explicou que este trabalho tem o propósito de conformar um amplo sistema integrado de gestão das finanças públicas na vertente dos sistemas operativos, assim como a tomada de decisões do Governo. A governante, que procedeu ao encerramento do primeiro Fórum de Segurança da Informação nas Finanças Públicas, acrescentou que o sector busca o uso de tecnologias

de ponta para a sua integração com os demais sistemas de órgãos do Estado.

De acordo com a secretária de Estado, o Governo, no quadro da realidade ao nível mundial, quer que a pretendida e fundamental via da eficiência dos serviços públicos seja cada vez mais possível com base em dois pilares fundamentais. O primeiro pilar, esclareceu, é o da formação e capacitação contínua dos recursos humanos, enquanto o segundo é o da implementação de acções inovadoras de trabalho assente nas novas tecnologias, bem como em sistemas informáticos robustos e seguros.

Devido à intervenção transversal, acrescentou, o Ministério das Finanças foi pioneiro no uso das TIC, implementado gradualmente, sistemas para uma gestão eficiente e eficaz das finanças públicas, desde o processamento automatizado dos salários dos funcionários, até à execução de um sistema integrado financeira totalmente orientado ao Governo.



Economia/Política

ORÇAMENTO NÃO ATINGE OS 600 MIL DÓLARES

Crise financeira trava cinco programas agrícolas no Namibe



Mário Mujetes © VE

AGRICULTURA. O orçamento ao sector agrícola do Namibe é de 88.435.912,40 kwanzas, tendo sido já executado na ordem dos 17%. No entanto, o valor não chega para implementar cinco dos principais programas do sector aprovados pelo governo provincial.

Por António Miguel

Pelo menos, cinco programas do governo do Namibe, ligados à agricultura na província, aprovados para este ano, não vão ser implementados por força da crise financeira. Trata-se dos programas de 'Combate à Desertificação', 'Fomento de Culturas de Vinha e Olival', 'Fomento de Cereais e Tubérculos', 'Construção de

Sistemas de Abeberamento de Gado' e 'Vacinação do Gado'.

Apesar de se mostrar preocupado com a situação, o director provincial da agricultura, Gabriel Félix, preferiu não pormenorizar a questão e não precisou, por exemplo, o custo global dos projectos nem a previsão de efectivação para o próximo ano. Este ano a agricultura do Namibe beneficia de um orçamento público na ordem dos 88.435.912, 40 kwanzas, valor equivalente a menos de 600 mil dólares. Até Junho, foram executados 15,8 milhões de kwanzas, o que corresponde a 17, 87% do montante disponível.

Mas nem tudo a crise travou. O 'Lavras Familiares', por exemplo, é um

dos projectos agrícolas que resiste à tempestade da crise. Este programa, que o governo da província desenvolve desde 2013, tem como objectivo incentivar a agricultura familiar nas áreas rurais. Dado o sucesso, explicou Gabriel Félix, o 'Lavra Familiar' evoluiu para Programa de Apoio Directo à Produção Camponesa, tendo sido construídos 15 polos de desenvolvimento agrícola nos cinco municípios (Namibe, Bibala, Tómbwa, Virei e Camucuio). Actualmente, 3.381 famílias estão inseridas neste programa, que, além de sementes e instrumentos de cultivos, dá formação a camponeses.

Na província do deserto, a água é rara, tendo em conta a quase inexistência de rios. Para a irrigação dos campos tem de recorrer-se frequentemente a furos de água a partir dos subsolos. Orçado em mil milhões de kwanzas, o programa do governo do Namibe deverá ser concluído no próximo ano. "O projecto vai a bom ritmo, até porque estamos a conseguir desenvolver com normalidade o programa do governo de combate à fome e a pobreza", regozija-se o director da agricultura do Namibe.

A agricultura familiar representa na província mais de 60% da produção agrícola e alimentada, de acordo com o director Gabriel Félix, essencialmente a população urbana. "A agricultura empresarial está meio paralisada", afirmou, apontando que a campanha agrícola 2014/2015 registou uma produção de mais de 58 toneladas de produtos diversos com realce para as hortícolas com mais de 75%. A produção de tomate destacou-se com mais de 50% da produção geral.

As chuvas, de acordo com o interlocutor, em Janeiro, Fevereiro e Março foram intensivas, tendo provocado, por esta altura, prejuízos para os cam-

poneses. O governo do Namibe disponibilizou 20 carrinhas, da marca Mitsubishi Canter, para apoiar os camponeses, no que toca ao escoamento de produtos para fora da província.

Há pelo menos três anos que não se faz sentir o crédito agrícola por aquelas paragens. O último financiamento bancário aconteceu entre 2010 e 2011, tendo sido beneficiadas 19 cooperativas, nos municípios do Namibe, Bibala e Tómbwa, que se encontram ainda em fase de reembolso. Os bancos públicos BPC e BCI são os dois únicos que estão envolvidos neste projecto. Gabriel Félix não avançou o valor total do crédito recebido pelos agricultores nem comentou as razões da paralisação do financiamento.

FÁBRICA SEM TOMATE

Apesar de o Namibe produzir anualmente mais de 40 mil toneladas de tomate, a fábrica de transformação de tomate, situada naquela província, "não arranca por falta deste produto do campo, que é a principal matéria-prima da empresa". Já vários testes foram realizados e o último deverá acontecer em Setembro, mas a data do arranque efectivo ainda é desconhecida.

O que se passa de facto, segundo o director provincial da agricultura, é que os responsáveis da unidade fabril consideram exorbitantes os preços do tomate. Em Abril, quando uma caixa de tomate estava a ser comercializada entre 17 e 19 mil kwanzas, o responsável da fábrica, Vicente Monder Jar, além de considerar os 'preços altos', reclamou da pouca quantidade disponível no mercado, tendo ainda afirmado que deveriam esperar até que os preços baixassem para poderem adquirir a matéria-prima.

A unidade industrial custou ao Estado 600 milhões de kwanzas e prevê, inicialmente, produzir concentrado de massa tomate enlatado, em pacote e em bidões de 50 litros. A empresa, que vai empregar 18 trabalhadores, pretende ainda produzir sumos e doces de tomate.

15

Polos de desenvolvimento agrícola foram construídos em diferentes municípios do Namibe, no âmbito do programa de apoio ao camponeses.

3.381

Famílias estão inseridas no projecto que visa a promover a agricultura familiar.

19

Cooperativas beneficiaram do crédito agrícola, no Namibe, que se encontra paralisado, há três anos

ACÚCAR

HD TV
zap

A minha TV



**OS ERROS DO
PASSADO FICAM
PARA SEMPRE**

**SEGUNDA A SEXTA
21:00**

zap NOVELAS

Canal 70

O MELHOR QUE HÁ É NA ZAP QUE DÁ.



LIGUE
935 555 500

apoio.cliente@zap.co.ao

Todos os dias, incluindo feriados,
das 7:00 às 24:00

Visite-nos em www.zap.co.ao e siga-nos



Mercado & Finanças

EM 10 ANOS DE ACTIVIDADE

BDA acumula perdas de 300 milhões de dólares

BANCA. Presidente do conselho de administração do Banco de Desenvolvimento Angola, entidade pública vocacionada para o financiamento do sector produtivo, revela, em conferência do Ministério da Indústria e da UTIP, que vários projectos foram reestruturados, com impacto nos prazos de carência.

Por Isabel Dinis

O nível de imparidade da carteira de crédito do Banco de Desenvolvimento de Angola (BDA) ficou próximo dos 50%, a 31 de Dezembro de 2015, o correspondente a 55,9 mil milhões de kwanzas, enquanto cerca de 300

milhões de dólares emprestados a clientes já foram reconhecidos como perdas ao longo dos 10 anos de operação do banco. A revelação é do presidente do conselho de administração (PCA) deste banco de capitais públicos, durante uma conferência organizada em Luanda, pela Casa Civil do Presidente da República e o Ministério da Indústria.

Segundo Manuel Neto da Costa, que integrou o painel de debate da conferência, moderado pelo director do VALOR, Evaristo Mulaza, o banco tem medidas em curso para estancar a degradação

Banco de capitais públicos reestrutura carteira de crédito



Manuel Tomás © NE

da carteira de crédito, por efeito do nível de imparidade. Quanto aos valores declarados como perdas ao longo dos 10 anos de exercício, o banco executou as devidas provisões.

O presidente do BDA indicou que o banco regista vários clientes que, há mais de cinco anos, não pagam os créditos, alegando a crise económica e financeira, apesar de o contexto das dificuldades actuais ser posterior aos prazos de início dos reembolsos.

Como consequência o banco viu-se obrigado a reavaliar os financiamentos, trabalho que conduziu a uma reestruturação dos projectos, com impacto nos prazos dos créditos. No caso dos projectos da indústria transformadora financiados anteriormente com 36 meses (três anos) de carência, os novos prazos vão permitir aos clientes iniciar os reembolsos 48 meses após receberem os créditos, explica o PCA que antecipa negociações com bancos estrangeiros no sentido da captação de linhas de financiamento para suportar a componente de impor-

MEMORIZE

- As operações de comércio exterior lideram com 27%, entre as principais fontes de rendimento da banca, seguidas das operações com títulos públicos (bilhetes e obrigações do tesouro) com 26% e pelas comissões bancárias e afins com 24%. O crédito aparece em último lugar com 21%

tação dos clientes do BDA. “Será exigida, naturalmente, a garantia do tesouro nacional para esse efeito”, avisa.

Ao comentar o crédito à indústria no sector bancário, Neto Costa referiu que o sector “é menos privilegiado,” por haver outros negócios de menor risco e que propiciam maiores rendimentos. “Eventualmente, na situação de crise, vai haver uma oportunidade para inversão”, prevê o presidente do BDA, lembrando que, até hoje, entre as principais fontes de ren-

dimento do sector bancário, o crédito aparece em último lugar. As operações de comércio exterior lideram com 27%, seguidas das operações com títulos públicos (bilhetes e obrigações do tesouro) com 26% e pelas comissões bancárias e afins com 24%. O crédito aparece em último lugar com 21% do total das origens dos rendimentos da banca, distribuído em 40% para o comércio e serviços, 17% para construção e o imobiliário e 11% para a indústria.

FUNDO DE GARANTIAS PRIVILEGIA INDÚSTRIA

Para o presidente do conselho de administração do Fundo de Garantias de Crédito, João Fernandes, a indústria é claramente dos sectores privilegiados, reclamando 44% da carteira de garantias, em termos de valor. João Fernandes lembra que o sector produtivo “nunca foi beneficiado por questões de risco”, sendo “mais fácil” suportar o comércio e serviços. “A percentagem da actividade produtiva é muito baixa naquilo que é a carteira de crédito dos bancos”,



CAMPONESES da Lunda-Norte reclamaram ao governo provincial a legalização de terrenos, financiamentos, sementes e outros meios de lavoura para desenvolver agricultura mecanizada.



O ESTADO arrecadou, no Huambo, no primeiro semestre de 2016, mais de 2 mil milhões de kwanzas, valor que ficou aquém dos mais de 5 mil milhões previstos. Mas as receitas cresceram em mais de 300 milhões de kwanzas, em relação ao primeiro semestre de 2015.

observa, servindo-se de estatísticas do Banco Nacional de Angola que indicam que o compromisso do Fundo de Garantias com a agricultura e as pescas já representa entre 10% e 12% do crédito que os bancos concederam. “Caso contrário, não haveria como persuadir os bancos a concederem empréstimos a sectores a que não estão habituados”, explica o PCA do Fundo que revela terem concedido garantias a projectos por todas as províncias, com excepção de uma que não identificou.

44%

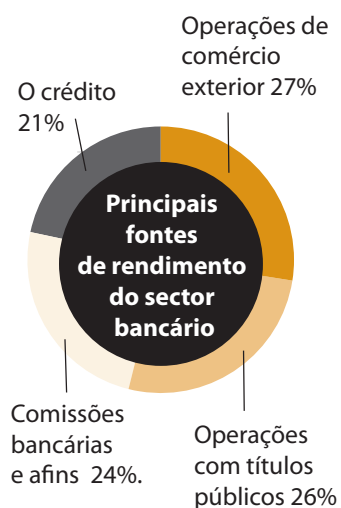
Parcela do total da carteira do Fundo de Garantias concedida ao sector industrial.

AGT DESAFIADA A ACELERAR

Integrante do painel do debate, Osvaldo Mixinge, director jurídico da Administração Geral Tributária (AGT), garantiu que a instituição intervém em várias fases de análise dos projectos, situação que concorre para o cumprimento dos prazos estabelecidos na avaliação das propostas para a atribuição dos incentivos. Afirmção, entretanto, refutada pela ministra da Indústria que indicou existirem vários projectos de investimento do seu pelouro à espera do parecer vinculativo das Finanças, há mais de 90 dias. Respondendo a uma proposta de um investidor sobre a necessidade de revisão imediata da pauta aduaneira para inclusão de alguns produtos entre os beneficiários de incentivos, Osvaldo Mixinge lembrou que a revisão do código obedece a calendários legais que não podem violados.

55,9

Mil milhões de kwanzas, valor nominal de imparidade registada pelo BDA, no final de 2015



O director-adjunto da Unidade de Gestão da Dívida Pública, Bantu dos Santos, explicou, por sua vez,

que, em relação às garantias soberanas, há limites constitucionais que não podem ser ultrapassados, sendo que os projectos candidatos devem reunir necessariamente os critérios de interesse público e de viabilidade económica e financeira.

Para o presidente da Associação das Indústrias de Materiais de Construção de Angola (AIMCA), José Mangueira, a preocupação central tem que ver com a escassez de divisas, situação que ditou a falta de matérias-primas, o que “tem deixado muitos empresários endividados dentro e fora do país, com salários de trabalhadores em atraso há mais de seis meses”.

CRISE E DIFICULDADES

Além da exposição dos membros do painel de debate, a conferência ficou marcada pela intervenção de vários investidores que descreveram o quadro de dificuldades que afecta as empresas. Luís Gomes dos Santos, sócio gerente da empresa Huilux, com sede na Catumbela, em Benguela, apontou que a indústria de produtos de higiene e limpeza não faz renovação de matérias-primas há cerca de um ano e seis meses, por falta de divisas. O empresário criticou a ausência dos produtos de limpeza e higiene entre os prioritários no acesso a divisas, comparando que há grandes empresas de importação e distribuição que beneficiam de moeda estrangeira, mas que trazem para o país bens que podem ser produzidos localmente, “como água, cerveja e produtos de higiene e limpeza”.

Os temas e os protagonistas da conferência

A conferência ‘Investimento Privado na Indústria Transformadora, Fontes de Financiamento, Oportunidades e Desafios’, aconteceu na última terça-feira, em Luanda, por iniciativa da Casa Civil do Presidente da República, através da Unidade Técnica para o Investimento Privado (UTIP), e o Ministério da Indústria. Participada por mais de uma centena de investidores, a conferência contou com a presença da ministra da Indústria, Bernarda Martins, que proferiu o discurso de abertura, em que destacou as várias iniciativas do Executivo no sentido da dinamização do sector, apelando à aposta dos investidores, apesar da conjuntura económica adversa. O ministro da Economia, Abraão Gourgel, dissertou sobre ‘O Investimento Privado e as Fontes de Financiamento como Factores Determinantes para o Fomento Industrial na Economia Ango-

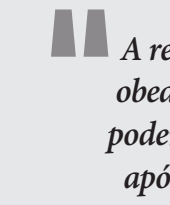
lana’ e percorreu as várias facilidades criadas pelo Governo, mencionado o sucesso de projectos como o ‘Angola Investe’ que só não foi mais longe por ter tido acesso a apenas 36% dos recursos previstos. O secretário de Estado do Planeamento, Pedro Luís, falou sobre ‘O Aumento da Produção Nacional e os Programas Dirigidos’ ao passo que o director-adjunto da Unidade de Gestão da Dívida Pública, Bantu dos Santos, dissertou sobre a “Concessão de Garantias Soberanas aos Projectos de Investimento Privado no Sector da indústria Transformadora”. Na assistência, entre várias figuras oficiais, contam-se o ministro da Geologia e Minas, Francisco Queiroz, o ministro do Comércio, Fiel Constantino, a ministra das Pescas, Victória de Barros Neto, e o ministro dos Petróleos, José Maria Botelho de Vasconcelos.

REACÇÕES



Bernarda Martins, Ministra da Indústria

“Temos vários projectos à espera do parecer vinculativo das Finanças, há mais de 90 dias, muito acima dos prazos estabelecidos.”



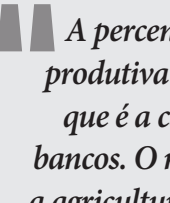
Osvaldo Mixinge, Gabinete jurídico AGT

“A revisão da Pauta Aduaneira obedece a prazos legais que não poder ser violados, de modo que, após a última actualização, só nos proximos anos poderá ser revista.”



Bantu dos Santos, MINFIN

“O acesso às garantias soberanas é condicionado por limites constitucionais e os projectos devem salvaguardar os pressupostos de interesse público e de viabilidade económica e financeira.”



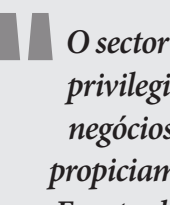
João Fernandes, Fundo de Garantias

“A percentagem da actividade produtiva é muito baixa naquilo que é a carteira de crédito dos bancos. O nosso compromisso com a agricultura e as pescas representa entre 10 e 12% do crédito bancário.”



José Mangueira, AIMCA

“A falta de matérias-primas tem deixado muitos empresários endividados dentro e fora do país, com salários de trabalhadores em atraso há mais de seis meses.”



Neto Costa, PCA do BDA

“O sector da indústria é menos privilegiado porque há outros negócios de menor risco e que propiciam maiores rendimentos. Eventualmente, com a crise, vai haver uma oportunidade para inversão.”

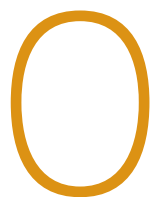
Mercado & Finanças

BNA PROCURA NOVAS SOLUÇÕES PARA DIVISAS

Valter Filipe ‘namora’ bancos para equilibrar mercado cambial

REGULAÇÃO. Governador do banco central quer juntar à sua estratégia de estabilização do mercado cambial mais uma nova ‘medida’ e apela aos gestores dos principais bancos angolanos para controlarem venda de divisas, além de solicita apoio da Polícia Nacional.

Por Nelson Rodrigues



Banco Nacional de Angola (BNA) estuda a possibilidade de incluir novos mecanismos de distribuição de

divisas ao mercado cambial, num processo que vai integrar 14 dos 28 bancos com actividades iniciadas em Angola, de acordo com um documento da instituição publicado no site.

A estratégia, cujo conteúdo não é descrito na nota do banco central, deve ainda incluir as áreas de mercado dos bancos comerciais, para “repor de forma gradual, programada, organizada e prudente, os recursos externos para todos os sectores da economia”.

Para a concretização do projecto, o BNA reuniu recentemente com a Associação dos Bancos de Angola (ABANC) e com os presidentes e representantes dos conselhos de administração de 14 bancos.

Da lista de entidades bancárias que reuniram com Valter Filipe está o Keve, BAI, BFA, BCI, BNI, BPC, BIC, Caixa Angola, Banco Sol, Banco Económico, Standard Charter, Atlântico, Pungo Andongo, Finibanco e o Banco de Crédito do Sul, com objectivo de “partilhar infor-

mação sobre os desafios do sistema financeiro angolano”.

Contactado pelo VALOR sobre a finalidade das novas medidas a serem tomadas para o mercado cambial, fonte oficial do banco central disse que “as reuniões continuam” e que “não há ainda decisão concluída”.

Aos bancos comerciais, o governador impôs o cumprimento dos destinos que cada entidade deve dar aos recursos absorvidos dos leilões semanais do BNA.

Para cada sessão de venda de divisas, o Banco Nacional de Angola “irá informar, com carácter de cumprimento obrigatório pelos bancos comerciais, a finalidade das operações cambiais a serem executadas com os recursos adquiridos”, lê-se no primeiro comunicado assinado por Valter Filipe.

De acordo com o banco central, o objectivo era “permitir a canalização dos recursos disponíveis às necessidades e sectores definidos como prioritários pelo Executivo”, face ao actual quadro de escassez de recursos em moeda estrangeira.

POLÍCIA ACTUA

Entre as várias medidas tomadas pelo BNA inclui-se a que envolve a polícia no controlo de venda de divisas no mercado informal. A medida que surge também dentro do consulado de Valter Filipe visa responsabilizar os agentes facilitadores da venda ilegal de moeda estrangeira.



Valter Filipe,
governador
do BNA

MEMORIZE

● **Actualmente**, a nota de 100 dólares no mercado oficial de divisas está a ser comercializada nos 16.670 kwanzas, sendo que, no mercado paralelo de câmbio, a mesma nota é revendida a preços diferentes, com variações que vão dos 55.000 kwanzas a 65.000 kwanzas.

O Comité de Política Monetária (CPM) do Banco Nacional de Angola recomendou “às autoridades competentes maior controlo e responsabilização dos agentes promotores do mercado informal de moeda estrangeira”, apelando, ao mesmo tempo, para que a supervisão do banco central seja “mais atuante e enérgica na preservação

da ética e cumprimento das normas do sistema financeiro”.

“Face à escassez de divisas que se observa na economia, os bancos comerciais devem fazer uma afetação criteriosa dos escassos recursos disponíveis de maneira a contribuírem para a satisfação das necessidades essenciais da população, dentro das prioridades definidas pelo Executivo”, lê-se no comunicado, datado de 17 de Maio.

Actualmente, a nota de 100 dólares no mercado oficial de divisas está a ser comercializada nos 16.670 kwanzas, sendo que, no mercado paralelo de câmbio, a mesma nota é revendida a preços diferentes, com variações que vão dos 55.000 kwanzas a 65.000 kwanzas.



FERNANDO TELES

Banco BIC quer ser pioneiro no seguro agrícola

O Banco BIC, através do BIC-Seguros, quer ser pioneiro do seguro agrícola em Angola. De acordo com o seu presidente do conselho de administração (PCA), Fernando Teles, há condições criadas para este desafio, estando apenas à espera da legislação que vai definir as normas.

Fernando Teles revelou estar em curso um estudo para a implantação do seguro agrícola por haver vários tipos, desde o seguro para a produção, para a morte de animais e outros. “Neste tipo de seguro é preciso que haja uma parceria do próprio Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural”, defende o banqueiro, acrescentando que as partes interessadas estão a analisar o assunto com a Agência Angolana de Regulação e Supervisão de Seguros (ARSEG).

O Banco BIC, segundo o seu PCA, está aberto para financiar projectos agrícolas, desde que sejam de empreendedores sérios e que tenham capacidade de produção, lembrando que os bancos trabalham com o dinheiro dos clientes e dos seus accionistas, pelo que têm de ter retorno do financiamento nos prazos negociados. O BIC financiou cerca 350 milhões de dólares no sector agropecuário, em todas as províncias. Fernando Teles falava durante o seminário sobre ‘Investimento Agrícola’, promovido pelo Ministério da Agricultura e pelo Banco BIC, cujos participantes defenderam a rápida aplicação da subvenção dos combustíveis à agricultura.

José Zangui



CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos




✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

• Blocos 	• Abobadilhas 	• Lancil 	• Pavê 	• Lajetas 
• Manilhas 	• Grelha de enlramento 	• Tubos 	• Cones 	• Caixas de visita 

✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIVOS

• Vigotas 	• Painel e Laje Alveolar 	• Laje TT 	• Ripas 
--	--	--	--

✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Estrada das Terras Verdes
 km 1 Caope Velha Funda - Cacuaco – Luanda
 Escritório: (+244) 928 981 644
 comercial@concerangola.co.ao | www.concerangola.co.ao

Empresas & Negócios

RECEIOS DE 'DEFAULT'

Credores receosos com 'capacidade' da Sonangol

DÍVIDA. Em Junho passado, a petrolífera estatal não conseguiu apresentar provas de um rácio "saudável" dívida-capital, conforme exigido no contrato de empréstimo com o banco que facilita os empréstimos, o Standard Chartered, em Londres.

Por Cândido Mendes

MEMORIZE

● **Vários** investidores estrangeiros consideram que Isabel dos Santos "seja competente o suficiente para reverter a situação" da petrolífera e aplaudem a sua decisão de contratar especialistas de prestígio internacional e consultoras baseadas nos Estados Unidos, para aconselhá-la sobre a reestruturação da Sonangol.

Há conflitos quanto ao real montante que a Sonangol deve a bancos europeus. Em certos meios, sobretudo entre analistas financeiros, cita-se 13 mil milhões de dólares, enquanto, no sistema da Bloomberg, a dívida da petrolífera pública está contabilizada em 9,5 mil milhões de dólares, repartidos em 'seis dívidas'.

O crédito foi facilitado pelo Banco Standard Chartered, em Londres, e um dos pontos do acordo exigia que a Sonangol, em determinadas alturas, demonstrasse "com provas" que possui um rácio dívida-capital "saudável". Junho era um desses momentos e a petrolífera nacional não conseguiu fazê-lo, o que "erizou os cabelos dos investidores", segundo um relatório da Verisk Maplecroft, uma empresa de análise de ris-

cos, baseada também em Londres.

Outras análises dão conta de que os receios dos investidores começaram a manifestar-se em vários momentos, destacando-se quando, em Maio, o Presidente da República, José Eduardo dos Santos, aprovou o plano de reestruturação da petrolífera que a faria focar-se no seu 'core business'. No novo plano, a exploração petrolífera não caberia à Sonangol e os seus vários activos seriam ou vendidos ou passados para outras 'holdings'.

Entre os momentos que criariam receios no seio de inves-

9%

Taxa de juro dos eurobonds angolanos, antes de subirem para os 10,4% nos últimos meses

9,5

Mil milhões de dólares, valor da dívida da Sonangol, segundo a Bloomberg

13

Mil milhões de dólares, valor da dívida da Sonangol, segundo vários analistas internacionais

tidores, segundo observadores internacionais, consta também a amplamente difundida 'falência técnica' da empresa, o despedi-



A petrolífera pública passa por um processo de reestruturação.

mentos do conselho de administração da Sonangol, quase por inteiro (sobrou apenas o actual CEO Paulino Jerónimo). Mas as declarações de José Eduardo dos Santos, num fórum partidário, não passaram ao lado. Primeiramente, o chefe do Executivo disse, no Kuando Kubango, que fazia seis meses que a Sonangol não pagava ao Estado, esclarecendo pouco depois, em Luanda, que as recitas que a empresa arrecadava mal chegavam para pagar as suas próprias dívidas.

Consultores, correspondentes internacionais de bancos e jornalistas em Luanda foram 'inundados' com telefonemas de investidores estrangeiros, na expectativa de obterem 'clarificação' sobre as declarações do Presidente, que terão contribuído para disparar a taxa de juros dos Eurobonds angolanos de 9% para os 10,4%, no mercado internacional.

No entanto, pelo meio, houve alguns 'calmantes'. A indicação de Isabel dos Santos para PCA da

petrolífera pública foi considerada "positiva" e a sua afirmação posterior de que a Sonangol "honraria as suas obrigações financeiras", ou seja, pagaria a dívida externa, deu algum ânimo aos investidores, mas há quem continue a duvidar da capacidade.

Vários investidores estrangeiros consideram que Isabel dos Santos "seja competente o suficiente para reverter a situação" da petrolífera e aplaudem a sua decisão de contratar especialistas de prestígio internacional e consultoras baseadas nos Estados Unidos, para aconselhá-la sobre a reestruturação da Sonangol. Mas há contratemplos, segundo observadores, devido às circunstâncias actuais do mercado do crude. "A menos que haja uma recuperação súbita dos preços do petróleo, a companhia nacional de petróleo não será capaz de manter o seu papel no sistema económico e político", afirmou Maja Bovcon, analista Senior para África da Verisk Maplecroft.



A SICASAL - empresa portuguesa de carnes e enchidos - vai transferir para Angola parte da sua produção, na sequência da queda para metade do valor das exportações para aquele país.



EMPRESÁRIOS BRASILEIROS do sector de transformação e comercialização do café visitaram a província do Kwanza-Sul, a fim de identificarem eventuais parcerias. A delegação foi liderada pelo empresário André Skaf.

MANUTENÇÃO DE EDIFÍCIOS EM SEIS MESES

Consórcio factura 54 milhões de kwanzas no Kilamba

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS. Objectivos imediatos da 'coligação' de empresas passa por estender os serviços à centralidade do Sequele e a vários condomínios de Luanda.

O consórcio Kukala-Kala, composto por 20 micro, pequenas e médias empresas do segmento da manutenção e gestão imobiliária, contabilizou receitas de 54 milhões de kwanzas, em seis meses de manutenção dos edifícios da centralidade do Kilamba, em Luanda, declarou ao VALOR o seu porta-voz.

Angelino Kissonde apontou que os "resultados animadores" se reportam apenas ao período experimental do primeiro semestre de 2016, altura

em que o consórcio era constituído apenas por 10 empresas, razão por que não cobria ainda toda a extensão da centralidade.

Com o alargamento do grupo de prestadores de serviços no Kilamba para 20 empresas, as perspectivas de facturação acrescem ainda mais, quando a expansão para outras centralidades também já está em curso. A centralidade do Sequele é o próximo 'alvo' do consórcio, que admite 'bater a porta' de vários condomínios de Luanda.

Actualmente, a média de solicitação dos vários serviços atinge os 20 pedidos por dia, estando prevista, no curto prazo, a criação de um 'call center', "para melhor responder à demanda que vai aumentar nos próximos tempos".

Canalização, carpintaria, caixilharia, serralharias, electricidade de automação industrial, frio industrial, telecomunicações e equipamentos de redes, elevadores, pintura, jardinagem, pintura de pavimento, saneamento básico, recolha de resíduos sólidos e limpeza industrial são alguns dos serviços prestados pelo consórcio Kukala-Kala. Na centralidade do Kilamba, o consórcio tem instaladas 26 equipas, cada uma composta por cinco funcionários, sendo que a nova fase, que agora arranca, abre a perspectiva para o recrutamento de cerca de duas centenas de jovens.

As regras do consórcio exigem que cada empresa se concentre numa única actividade, sendo que as solicitações são encaminhadas em função das necessidades de cada cliente.



Mário Mujites@VE

Comentando sobre a manutenção predial em Angola, Angelino Quissonde considera que o mercado oferece "grandes oportunidades", mas alerta que se encontra "desorganizado", em parte, por haver pouca

cultura de manutenção. "Veja-se os edifícios de Luanda antiga e percebe-se que a falta de manutenção levou os moradores, de forma isolada, a criarem alternativas aos sistemas prediais."

NOVA FÁBRICA, VELHOS PROBLEMAS

Ex-trabalhadores da Textang aguardam por indemnizações

Por Valdimiro Dias

Depois de fracassado o objetivo de reintegração na Nova Textang II, os ex-trabalhadores da fábrica têxtil dizem-se "desamparados" e reclamam pelas prometidas indemnizações, face ao silêncio do Governo que até agora não avança uma data para os pagamentos.

Ao questionar a atitude das "entidades competentes pela forma como conduzem o processo", o responsável da comissão sindical, Manuel Cangongo, lembrou que, em 2015, o chefe do Executivo determinou o pagamento de indemnizações aos trabalhadores de todas as empresas extintas até então detidas pelo Estado. Mas, passado mais de um ano, a ordem do Presidente não foi executada, "situação que se agrava, no caso da Textang, por se tratar de uma empresa

em funcionamento". Contactado pelo VALOR, o presidente do conselho de administração (PCA) do Instituto para o Sector Empresarial Público (ISEP), Henda Inglês, esclareceu apenas que o processo "corre os trâmites normais".

Os ex-trabalhadores queixam-se de outros incumprimentos, como do acordo prévio de reintegração de parte dos trabalhadores, assinado com a comissão de negociação integrada pelos ministérios da Economia e da

Indústria, além de solicitarem uma clarificação sobre a titularidade da gestão da empresa, justificando que a reabilitação da fábrica terá sido feita com dinheiros públicos, resultantes de um financiamento do governo do Japão. Em resposta, a nova gestão da empresa informou que "o acordo de alienação com o Ministério da Indústria não previa a reintegração de ex-trabalhadores, razão pela qual a fábrica terá recebido a designação de 'Nova Textang II'".

Outra incerteza está relacionada com os subsídios da segurança social. Os ex-trabalhadores desconhecem a decisão do Governo sobre esta matéria, estando certos apenas de que foram descontados para a segurança social até à paralisação da fábrica em 2000. Mas até 2012, fruto do arrendamento de alguns armazéns, mais de 500 trabalhadores e receberam subsídios, fixados num limite máximo

235

Milhões de dólares, investimento japonês na reabilitação da Textang.

de dois mil kwanzas por mês, para os técnicos superiores.

NOVA FÁBRICA

A reabilitação da Nova Textang II durou seis anos, num investimento de 235 milhões de dólares pela empresa japonesa Marubeni. A unidade, em que foram instalados equipamentos de última geração, possui uma capacidade de produção anual de nove milhões de metros de tecido e prevê iniciar as vendas tão logo seja possível a importação de matéria-prima.

(In)formalizando

O costa-marfinense, Doctor Lamín, dedica-se ao negócio há quatro anos



Santos Samuessa/VE

50

Mil kwanzas, investimento inicial, antes da crise, para ter um 'bom dia' de vendas

12

Mil kwanzas, preço actual de uma caixa de frangos.

60

Mil kwanzas, renda rotativa de uma semana num espaço improvisado para restauração em Luanda

NEGÓCIO AGUENTA-SE, MESMO COM PREÇOS MAIS ELEVADOS

Frango de rua resiste à crise

'FAST FOOD'. Devido ao corre-corre do dia-a-dia, o 'franguitê' passou a ser a opção para o almoço ou jantar de muitos. O negócio vive momentos complicados devido à subida dos preços. A venda de frangos nas ruas ainda dá lucros, mas longe dos números do KFC.

Por Teresa Fukiady

Começou com o 'cabrité', e logo, 'evoluiu' para o 'franguitê'. É assim que são conhecidos popularmente os frangos grelhados feitos nas ruas de Luanda com recurso à carne de frango, mais acessível do que a de cabrito. Em alguns lugares, acompanhados com batatas fritas e maionese e noutros com salada,

têm servido de almoço ou jantar de muitos. O volume de vendas varia de acordo com os dias de semana. Nos finais de semana, são mais rentáveis.

Viveu bons tempos e já esteve na moda, mas face à crise e à subida dos preços, tem vivido grandes dificuldades que resultaram na queda "drástica" dos lucros. Se antes com 50 mil kwanzas, o costa-marfinense Doctor Lamín conseguia comprar todos os ingredientes

necessários para o negócio (cinco caixas de frango, batata-rena, cebola, óleo vegetal, sacos de plástico e maionese), no final do dia, conseguia um lucro também de 50 mil kwanzas. Com a subida dos preços, tornou-se impossível obter estes lucros. Agora precisa, no mínimo, de 80 mil kwanzas e os lucros só chegam aos 10 mil kwanzas.

Quem também vive em tempos de sufoco são as 'tias' dos famosos 'franguitê' do Kikagil, no Morro Bento, em Luanda. Os preços do 'take-away' com batata-frita e salada passaram de mil a 1500 kwanzas. Sem salada, custam entre 800 e mil. A alteração dos preços é justificada com as compras que se fazem nos armazéns e supermercados. "Há clientes que não aceitam os preços", lamenta Emília

Inácio, uma das vendedoras do local, que conta que, por semana, ela e as amigas, chegam a gastar quase um milhão de kwanzas para as compras. Apesar de terem lucros de 200 mil kwanzas, assegura não satisfazer pelos gastos que faz com a renda do local, pagar os sete ajudantes, sustentar a família a ainda tirar uma parte para a kixiquila. "O rendimento é pouco e o gasto é muito."

Todas começam a vender a partir das seis horas e só terminam depois das 23 horas. Por causa da hora, muitas vezes, passam a noite no quintal onde têm montado o pequeno restaurante. Cada pessoa usa o restaurante durante uma semana, num sistema rotativo. Por semana, pagam de renda 60 mil kwanzas.

Aos finais de semana, as vendas são animadoras porque se regista mais afluência de clientes. Em dois dias, chegam a facturar mais de 60 mil kwanzas. Emília Inácio recorda com saudades os tempos que só necessitava de 300 mil kwanzas para as compras.

Tal como Emília Inácio, o costa-marfinense Doctor Lamín, na sua pequena bancada no bairro Calamba, em Luanda, queixa-se das constantes alterações dos preços. Diferente das 'tias' do Kikagil, Doctor Lamín usa uma assadora e um

Todas começam a vender a partir das seis horas e só terminam depois das 23 horas. Por causa da hora, muitas vezes, passam a noite no quintal onde têm montado o pequeno restaurante.



Mesmo com o aumento de preços, os frangos continuam a ser um bom negócio



Emília Inácio vende frangos das seis da manhã às 23 horas

KFC: o frango mais popular do mundo

Se nas ruas há o 'franguitê', no outro extremo, há os restaurantes KFC, especializados em frangos fritos. Em Angola, o KFC, existe há quatro anos e já emprega cerca de 400 pessoas. A KFC Corporation é a cadeia de restaurantes de frangos mais popular do mundo, tendo mais de 20 mil restaurantes distribuídos por 120 países de todos os continentes. A marca serve mais de 12 milhões de clientes por dia. São oito os restaurantes da marca em Angola. Segundo o 'Mercado', o grupo Ibersol, responsável pela implementação dos restaurantes no país, investiu cerca de 20 milhões de dólares na rede de estabelecimentos. Há oito em Angola: sete na capital e um em Benguela.

Tudo começou quando, nos EUA, o coronel Harland Sanders descobriu a sua verdadeira vocação aos 40 anos de idade. Os frangos começaram primeiro a ser comercializados em postos de gasolina e logo se expandiram pelo mundo, tornando-se num negócio milio-

nário. Um dos segredos do KFC é a sua receita secreta à base de 11 ervas e especiarias. A receita original manuscrita está alegadamente trancada numa cave em Louisville, nos EUA, com cópias parciais de segurança noutros locais. A companhia afirma que os fornecedores dos temperos só entregam produtos da parte da receita, ignorando a identidade uns dos outros. Garante que nem sequer o presidente da empresa conhece a lista de ingredientes, sendo as poucas pessoas que a conhecem obrigadas a um acordo estrito de confidencialidade. O mito do ingrediente secreto é um dos triunfos da marca.

MAIS CARO

Os restaurantes KFC começam o seu atendimento a partir das 8 horas. Mas têm os serviços Drive-Thru, com atendimento 24 horas por dia. Os menus são compostos por frango a partir de 990 kwanzas e o mais caro chega aos 5.390 kwanzas.

fogão eléctrico, o que diminuí os custos. Há quatro anos no negócio, aprendeu a 'profissão' com o irmão. Em tempos de crise, fala em "coragem" para continuar com o negócio, na esperança de ser apenas uma

"fase passageira" e que em breve as coisas vão voltar ao normal.

Quando comprava a caixa de frango a três mil kwanzas, chegava a vender mais de três caixas por dia. Agora nem a duas caixas chega.

Antes, o 'take-away' de frango com cebolas, batata frita rondava os 600 kwanzas. O preço teve de ser duplicado, passando a custar agora 1200 kwanzas, com frango, batata frita e maionese. Confessa que apesar dos poucos lucros, ainda dá para se virar.

Nos últimos tempos, os preços dos bens de consumo registaram subidas consideráveis, a queixa mais consistente entre os comerciantes, que referem como igualmente problemática a oscilação vertiginosa dos preços. Antes com oito mil kwanzas, no mercado do 30 ou Catinton era possível adquirir um saco de batata. Mas agora, é necessário muito mais. Os preços são inconstantes. Há vezes que chegam a custar mais de 30 mil kwanzas. O saco de carvão passou de dois mil para seis mil kwanzas. A caixa de frango disparou de quatro mil a 12 mil Kwanzas.

SEM PROTECÇÃO

Apesar de se tratar de alimentação, em alguns lugares não são observadas as regras de higiene no que toca à preparação, manuseio e conservação dos alimentos. Alguns vendedores não usam luvas e nem toucas na cabeça. Os frangos são apenas retirados e colocados a grelhar, algumas vezes sem ser lavados ou temperados. Noutros lugares são grelhados ao ar livre sem protecção de poeira e de moscas. As hortaliças e legumes não são bem lavadas e as batatas fritas em óleos reutilizados.

PUB

TRANSCOOP
Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE



**SERVIÇO
PERSONALIZADO COM
CONFORTO E
SEGURANÇA**

**O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO
NO LOCAL DA CHAMADA**



Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda
Call center
(+244) 947 992 829
(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa



DE JURE

LEI DA AMNISTIA PODE ENTRAR EM VIGOR EM AGOSTO

Crimes económicos amnistiados

LEGISLAÇÃO. Os crimes económicos, cometidos por nacionais e estrangeiros até 11 de Novembro de 2015, serão amnistiados, ainda este ano, caso o diploma seja publicado este mês. A nova Lei da Amnistia, aprovada pela Assembleia Nacional, prevê perdoar cerca de oito mil reclusos, cujas penas de prisão vão até 12 anos. No caso dos crimes patrimoniais, só sai da prisão quem devolver os bens ou indemnizar a vítima.



Especialistas consideram que há prós e contras.

MEMORIZE

- A Lei da Amnistia foi aprovada na Assembleia Nacional, no mês passado. Deve entrar em vigor em Agosto. A ideia é descongestionar as cadeias. Há mais de 25 mi presos, mas os estabelecimentos só podem albergar uma população prisional de 17 mil pessoas.

Por Adriano Adão

No conjunto dos crimes económicos que poderão ser amnistiados, com a lei aprovada no mês passado, entram os de natureza financeira e patrimonial, como branqueamento de capitais, burla, burla por fraude, corrupção activa, corrupção passiva, fuga

ao fisco, peculato, entre outros. Mas, para que sejam abrangidos pela amnistia, os reclusos são obrigados a devolver os bens à vítima ou então a indemnizá-la. O jurista Lindo Tito destaca o facto de que a prática de infracções de natureza patrimonial não estará isenta da responsabilidade civil. “Se o recluso que cometeu o crime patrimonial não indemnizar ou devolver o bem à vítima, no prazo de um ano, não beneficia desta medida.”

No entanto, Lindo Tito defende que todos os que cometeram crimes económicos, que lesem o Estado, como peculato, deviam também

Crimes económicos

Os crimes económicos são aqueles que lesam os interesses da economia nacional ou das pessoas. Deve ser a lei a considerar o acto ou actividade como sendo crime de natureza patrimonial ou financeira, respeitando o princípio da legalidade penal que diz que nenhum facto deve ser considerado crime sem que a lei o qualifique como tal. Regra geral, estes crimes estão tipificados no Código Penal e também em legislação avulsa.

8000

presos poderão beneficiar da amnistia aprovada o mês passado

12

anos de prisão: limite da pena para quem possa beneficiar da amnistia

estar “sujeitos a pagar indemnizações.” Por outro lado, Esteves Hilário, advogado, prefere referir o facto de o diploma permitir ao Estado “recuperar dinheiro que foi transferido de forma ilícita” para bancos no estrangeiro.

Com cerca de oito artigos, a nova Lei da Amnistia é de iniciativa do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, e teve carácter de urgência. Entre outros objectivos, a medida visa desafogar as cadeias que estão actualmente superlotadas e diminuir as despesas do Estado com os serviços penitenciários, devido ao actual momento de crise financeira.

Quando for publicada, possivelmente em Agosto, cerca de oito mil reclusos serão perdoados. Ficam excluídos da amnistia os crimes cometidos com violência ou ameaças e que tenham resultado em mortes, os crimes de tráfico de pessoas e órgãos de seres humanos, a violação e os de promoção e auxílio à imigração ilegal.

100.000

BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA:
CHEGAMOS A TODAS AS PROVÍNCIAS.

Nova *Gazeta*

100 MIL. SEM CUSTO.

www.novagazeta.co.ao



Somos todos nós



SOMOS PELA INFORMAÇÃO ISENTA.

Na TPA estamos todos de acordo: é preciso falar claro para entender a actualidade nacional e formar opinião. Por isso, o programa de análise e debate da TPA tem um novo rosto e formato. Assista ao painel de jornalistas experientes que comentam os principais temas da semana, liderados por **Adalberto Lourenço**.

Todas as sextas-feiras depois do Telejornal, em directo na tpa1.

Reposição às segundas-feiras à 01h.



www.tpa.ao

Gestão

'RANKING' ELABORADO PELA REVISTA FORBES

Os 10 mais ricos de África

FORTUNAS. África do Sul, Egipto e Nigéria disputam a hegemonia na lista dos mais ricos de África. Foram as telecomunicações, o petróleo e o cimento que construíram as maiores riquezas. Há ricos por herança. E há os que subiram 'a pulso'. O segundo mais rico tem metade da fortuna do líder.



ALIKO DANGOTE

12 MIL MILHÕES DE DÓLARES

É considerado um dos homens mais ricos do mundo e lidera a tabela de África com a maior fortuna do continente. O VALOR já lhe dedicou uma página em que relata a biografia de um homem que construiu a fortuna negociando cimento, farinha e açúcar. Tem fábricas em 14 países africanos e ainda no Iraque e na Birmânia. Há 30 anos que o Dangote Group domina o mercado e já estendeu os interesses para o imobiliário e a exploração do sal. Tem 55 anos, é nigeriano e vive em Lagos.

1º

NASSEF SWAIRIS

5,5 MIL MILHÕES DE DÓLARES



4º

É um dos mais jovens nesta lista dos mais ricos. Aos 51 anos de idade, este empresário egípcio tem a fortuna montada na construção. É o filho mais novo de Onsi Sawiris, fundador do Orascom, e por agora é chefe da Orascom Construction Industries, a empresa de maior valor no Egipto. Vive na capital, Cairo.

NAGUID SAWIRIS

2,5 MIL MILHÕES DE DÓLARES



9º

MIKE ADENUGA

4,6 MIL MILHÕES DE DÓLARES



5º

É o segundo nigeriano mais rico e o quinto de África, graças aos negócios em bancos, telecomunicações e petróleo. Tem 59 anos de idade e reside em Lagos. É dono da Globacom, comprou a NITEL, empresa de telecomunicações, e gere a Conoil Producing.

Aos 58 anos, é mais um empresário egípcio a disputar um lugar de topo dos mais ricos. A fortuna está baseada nas telecomunicações, mas fez fortuna ao vender a empresa a russos. Chegou a ser dono da Telekom Austria, mas agora dedica-se a minas no Canadá. Entrou na política e fundou o Partido dos Egípcios Livres.

MOHAMMED MANSOUR

2,2 MIL MILHÕES DE DÓLARES

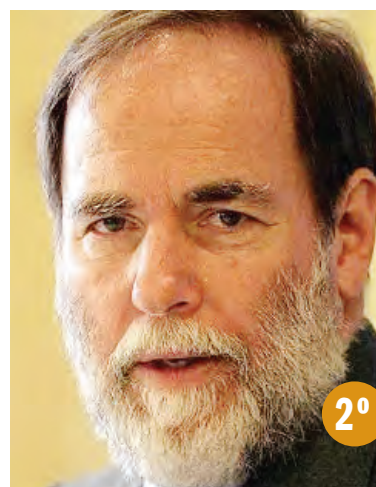


10º

Divide a 'pequena' fortuna com dois irmãos, famosos no Egipto por se envolverem também na política. É dono da concessionária da GM. 60% da fortuna está fora do país. Representa a McDonald's e a Philip Morris no Egipto e é proprietário da Metro, a maior rede de supermercados do país.

NICKY OPPENHEIMER

6,5 MIL MILHÕES DE DÓLARES

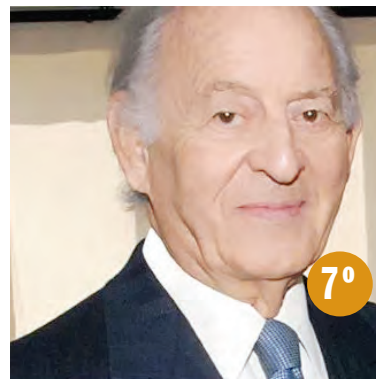


2º

Aos 67 anos, Nicky Oppenheimer não está sozinho no segundo lugar já que partilha a fortuna com a família. É sul-africano, reside em Joanesburgo e a origem da fortuna é a exploração dos diamantes. Em 2011, vendeu os 40% que detinha na produtora de diamantes De Beers o que fortaleceu a fortuna e permite-lhe ocupar o segundo lugar. É ainda proprietário da Tswalu Kalahari, uma reserva particular e a maior na África do Sul.

OTHMAN BENJELLOUN

2,7 MIL MILHÕES DE DÓLARES



7º

Empresário marroquino, construiu a fortuna com bancos e seguros. Aos 80 anos, ainda lidera a RMA Watanya, a maior empresa no ramo de seguros de Marrocos, com ramificações em vários países africanos, e o BMCE Bank, que opera em mais de 12 países. Vive em Casablanca.

JOHANN RUPERT

5,7 MIL MILHÕES DE DÓLARES



3º

É mais um sul-africano a engrossar esta lista. Vive na Cidade do Cabo e também partilha a fortuna com a família. Negocia objectos de luxo. Aos 62 anos lidera a holding suíça Richemont que detém a exclusividade de marcas como Montblanc, Chloé e Cartier.

PATRICE MOTSEPE

2,6 MIL MILHÕES DE DÓLARES



8º

É o único milionário negro da África do Sul e tem origens humildes. Nasceu numa favela do famoso Soweto, conhecido pela resistência ao poder branco no tempo do 'apartheid'. É dono da mineira African Rainbow Minerals, que explora cromo, ferro, manganês, platina, níquel, cobre, ouro e carvão. Tem apenas 50 anos, reside em Joanesburgo.

A morte da OPEP



Anas Alhaji

Economista

A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) está morta. A Arábia Saudita matou-a. Agora, a OPEP é apenas um zombi sem dentes, que atrai as atenções, mas sem ter qualquer impacto real.

Poucos notaram pelo desaparecimento da OPEP por uma razão simples: ela nunca teve realmente o impacto que parecia ter. Nunca foi realmente um cartel, com o poder de um mercado monopolista. Quem pensou o contrário atribuiu erradamente esse poder à Arábia Saudita.

O poder da Arábia Saudita é vasto. Continua a ser o produtor dominante nos mercados mundiais de petróleo e as suas decisões, políticas e económicas, moldam a economia global das energias. Este impacto será intensificado se os sauditas ressuscitarem o crude como uma referência global. Mas, é claro, que os novos 'players', que podem entrar neste jogo de produção de energia, podem dar um golpe à Arábia Saudita. Até agora, a Arábia Saudita tem apenas evitado sofrer sérios danos.

A revolução energética do xisto nos Estados Unidos, por exemplo, teve um impacto internacional de longo alcance, muito maior do que o esperado. A Bacia do Atlântico teve excedentes de petróleo - produzindo mais do que consumiu - pela primeira vez em meio século, enquanto a Bacia do Pacífico se transformou no depósito do lixo para o bruto. O xisto, produzido internamente, fez com que membros da OPEP, como a Argélia, Angola e Nigéria, perdessem uma significativa quota de mercado nos EUA. Mas esta 'revolução' teve pouco impacto na Arábia Saudita, Iraque ou Kuwait, devido à qualidade do petróleo bruto.

Argélia, Angola e Nigéria exportam para os EUA uma espécie de crude 'light sweet' que é comparável ao petróleo de xisto. No entanto, muitas refinarias dos EUA ainda estão voltadas para o petróleo mais pesado e ácido que o país importa do Médio Oriente. Assim, a participação da Arábia Saudita no mercado dos EUA parece estar

relativamente segura.

Isto não é sugerir que a Arábia Saudita seja invencível. Pelo contrário, perdeu uma quota de mercado entre os maiores importadores de petróleo na Ásia, que aumentaram as compras de petróleo bruto da África Ocidental (desviado dos EUA). Talvez o mais doloroso para os árabes tenha sido a perda de uma parte substancial do mercado na China que se transferiu para a Rússia.

A penetração russa do mercado chinês foi estimulada pela imposição de sanções ocidentais depois de a Rússia ter invadido a Ucrânia e anexado a Crimeia em 2014. A China aproveitou o desespero do Kremlin, fixando taxas baixas para os recursos energéticos russos. Logo que a porta para a Ásia foi aberta, as empresas russas aproveitaram a oportunidade para entrar nos mercados a jusante, como a Índia e a Indonésia, dois países críticos para a estratégia dos sauditas.

Ao longo dos últimos dois anos, a Arábia Saudita tem nitidamente demonstrado que não vai desistir facilmente da sua quota de mercado. Tem prosseguido uma campanha para recuperar a sua antiga posição, não apenas no crude, mas também em produtos derivados do petróleo, no gás natural e na petroquímica. Por isso, entrou

numa guerra de preços, apoiando um aumento da produção, que se destina a empurrar os concorrentes mais fracos.

Primeiro, a Arábia Saudita apanhou para a indústria de xisto. A estratégia para afirmar um domínio sobre os mercados globais de energia evoluiu ao longo do tempo, adaptando-se às novas realidades económicas e às circunstâncias políticas. Em última análise,

Ao longo dos últimos dois anos, a Arábia Saudita tem demonstrado que não vai desistir da sua quota de mercado. Prossegue uma campanha para recuperar a sua antiga posição.

arrastou toda a OPEP para a guerra de preços. Há países que aumentaram a produção durante o tempo que p o d i a m , levando os preços naturalmente a cair. Quando a produção atingiu o pico, o mercado bateu no fundo, porque os membros da OPEP foram forçados a entrar em concorrência directa de preços, uns contra os outros.

As clivagens internas permanentes, que tudo isso têm produzido, foram dolorosamente visíveis na reunião da OPEP de Abril, em Doha, em que se desfez a ideia de se chegar a um acordo. A Arábia Saudita recusa-se a cortar a produção, a menos que o Irão também o faça. Mas o Irão - que, como a Rússia, tinha perdido uma quota de mercado considerável por causa das

sanções ocidentais - recusa-se a cortar a produção total. E os produtores que perderam a quota de mercado dos EUA também não querem cortar a produção.

Até agora, a Arábia Saudita reconhece que os preços baixos do petróleo não vão restaurar completamente a sua quota de mercado na Ásia e na Europa. Mas também concluiu que não precisa mais da OPEP, uma organização impingida ao mundo com o primeiro embargo árabe do petróleo em 1973 e, desde então, usada como um escudo para as suas políticas de petróleo. Com a revolução de xisto dos EUA que demonstrou a inutilidade da OPEP, a Arábia Saudita decidiu que não vale a pena manter viva a sua criatura.

Mas isso não significa que não haja nenhuma esperança para a cooperação energética. A Arábia Saudita procura agora fazer uma grande mudança nas suas políticas energéticas, diplomáticas e económicas. Um exemplo é a privatização iminente de uma parte da Aramco, a companhia de petróleo nacional, que está orientada para expandir a sua capacidade de refinar petróleo.

Tudo isso sugere que a concorrência nos mercados energéticos pode mudar do petróleo bruto para os produtos refinados. Isso criaria novas oportunidades de cooperação: os produtores com grande capacidade para refinar e armazenar poderiam comprar petróleo excedente aos produtores que não possuem essas capacidades.

Uma mudança do paradigma da concorrência no crude teria um efeito profundo sobre os mercados globais de petróleo e sobre as indústrias relacionadas, como o transporte. Em última análise, iria aumentar a eficiência do mercado global do petróleo e reforçar a capacidade dos produtores para a volatilidade desse mercado. Os produtores e refinadores, com as tecnologias mais sofisticadas, dominariam, começando pela própria Arábia Saudita.

-Economista, especialista em energia

- ex-economista-chefe do NGP Energy Management Capital.



Internacional

HILLARY CLINTON ASSUME CORRIDA À CASA BRANCA PELO PARTIDO DEMOCRATA

Primeira mulher candidata vira 'à esquerda'

PRESIDENCIAIS. Para ser eleita 45.º presidente dos EUA e a primeira mulher a ocupar o cargo, Hillary Clinton não hesita em recorrer às propostas do antigo rival, apontado como tendo "ideias socialistas". Na convenção do Partido Democrata, houve um ataque frontal ao republicano Donald Trump

Por Emídio Fernando

Acabaram por ser as medidas económicas mais radicais do senador Bernie Sanders, que perdeu na corrida à nomeação pelo Partido Democrata, que marcaram o discurso de Hillary Clinton na hora da consagração. A primeira mulher, na história dos EUA a candidatar-se às eleições presidenciais não hesitou em agarrar as propostas económicas do antigo rival. Bernie Sanders, partindo de um quase anonimato, conseguiu reunir uma elevada percentagem do voto jovem, nas 'primárias', propondo alterações substanciais na economia.

Na convenção do Partido Democrata, Hillary Clinton assumiu essas propostas prometendo fazer "o maior investimento em empregos com bons salários desde a Segunda Guerra Mundial", subir o salário mínimo federal em mais do dobro, de 7,25 dólares para os 15 (por hora) e aumentar impostos a "Wall Street, às grandes empresas e aos super-ricos". Esta última ideia foi retirada da campanha de Sanders a que Hillary Clinton reforçou: "Não temos nenhum tipo de ressentimento com o sucesso, mas quando mais de 90% dos ganhos estão a ir para os 1% de cima, então é para aí que o dinheiro está a ir, e nós vamos seguir o dinheiro".

A candidata democrata chegou também a apelar ao voto de todos aqueles que "acreditam que devemos dizer não a tratados comerciais injustos".

No discurso final, Hillary Clinton admitiu compreender e aceitar



Hillary Clinton a primeira mulher candidata à presidência dos EUA.

que muitos jovens se "sintam frustrados e até furiosos" pelas políticas dos últimos tempos, mas salvaguardou a posição ao actual presidente, também ele um democrata: "Barack Obama tirou-nos da pior crise económica das nossas vidas.

Aos 68 anos, Hillary Clinton consegue, à segunda tentativa, entrar na corrida definitiva à Casa Branca. Mulher do antigo presidente Bill Clinton, foi secretária de Estado do primeiro mandato de Barack Obama e, quando era primeira-dama, liderou a reforma de saúde que viria a ser interrompida e depois retomada pelo actual presidente.

Hillary Clinton concorre com o republicano e empresário Donald Trump e faz questão de marcar as diferenças, a começar por comparar currículos de serviço público. A

candidata democrata acusa o rival de ser "leviano e perigoso" e "demasiado nervoso": "Ele perde a calma à mais pequena provocação. Quando um jornalista lhe faz uma pergunta difícil, quando é desafiado num debate, quando vê um manifestante num comício. Imaginem-no na Sala Oval a gerir uma crise a sério. Um homem que podemos provocar com um 'tweet' não é um homem a quem podemos confiar armas nucleares".

Ainda para marcar as diferenças, Hillary Clinton jura que "não vai construir muros", numa referência à promessa de Donald Trump de fechar as fronteiras com o México para impedir a entrada de emigrantes, oriundos da América Latina. É aliás o eleitorado latino-americano, afro-americano e das comunidades de emigrantes que Hillary tenta

captar, contrapondo com o facto de Trump ser acusado de ser extremista e racista. Além de criticar a retórica fracturante do candidato republicano, Hillary Clinton acusa Donald Trump de incitar o medo: "Ele quer que tenhamos medo do futuro e medo uns dos outros. Mas vocês sabem que um grande Presidente democrata, Franklin Roosevelt, fez a maior rejeição de Trump há 80 anos, durante tempos muito piores, quando disse que 'a única coisa que devemos ter medo é do medo em si'".

As eleições presidenciais estão marcadas para 8 de Novembro. Hillary Clinton começou a campanha, mal acabou o encontro do Partido Democrata, com uma viagem pelos 'Estados instáveis' que tanto votam num republicano como num democrata.



NO BRASIL

Lula recorre

Lula da Silva entregou no Comité de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas um recurso para denunciar aquilo que ele identifica como "abuso de poder". Os alvos são o juiz Sérgio Moro e os procuradores da 'Operação Lava Jato', em que o antigo presidente brasileiro é investigado.

Lula da Silva queixa-se de haver uma "clara falta de imparcialidade" nas investigações e qualifica como "actos ilegais" a libertação das escutas telefónicas, que resultaram das conversas mantidas, em Março, com a ex-presidente Dilma Rousseff. Lula da Silva condena ainda a sua "condução coercitiva", um recurso utilizado pela justiça brasileira que é emitido quando uma pessoa, que está ser investigada, é obrigada a depor. Foi o que aconteceu quando esteve detido durante algumas horas em março para prestar informações.



O PRIMEIRO-MINISTRO francês, Manuel Valls, defende “uma proibição temporária” do financiamento estrangeiro das mesquitas, após uma série de ataques em França, todos reivindicados pelos radicais islâmicos.



ÉMILE ZINSOU, ex-presidente da antiga República de Daomé, actual Benim, morreu a semana passada aos 98 anos. O médico, foi deposto do cargo de presidente por via de um golpe de Estado.

EMPRESÁRIO E FILANTROPO

Morreu o ‘sr. Chocolate’

Forrest Mars Jr, o criador do chocolate Mars, morreu, a semana passada, aos 84 anos, depois de

ter sofrido um ataque cardíaco. O empresário criou, além do Mars, os chocolates Snickers, Bounty,

Maltesers, Twix e M&M’s. Eram as marcas mais conhecidas, mas a companhia que ele transformou, quando a herdou uma pequena empresa familiar, ainda produz comida para animais, como por exemplo, a Pedigree, Royal Canin e Whiskas, bebidas e produtos alimentares, de sopas a arroz.

Na empresa, juntou mais dois irmãos que acabaram por gerir um

império: criaram um negócio com um volume de 35 mil milhões de dólares e com mais de 80 mil colaboradores em 78 países.

O empresário era também conhecido por ser um filantropo, apoiando projectos ligados à História dos Estados Unidos e à conservação ambiental. Tinha um navio de expedição e gostava de visitar os locais mais selvagens do mundo.



JOGOS EM INCÓGNITA

Problemas olímpicos

Com a abertura oficial marcada para a próxima sexta-feira, dia 5, os Jogos Olímpicos arrancam com uma série de dúvidas quanto à forma como vão decorrer. Os atletas queixam-se de terem encontrado as instalações completamente degradadas, nalguns casos sem água, sem luz ou com infiltrações, apesar de serem novas.

No dia que a tocha olímpica atravessou uma das cidades do Estado do Rio de Janeiro, transportada por atletas, foi roubada. Vários manifestantes apagaram a tocha olímpica em Angra dos Reis, em plena cerimónia de passagem da tocha. Os manifestantes protestavam contra o encerramento do principal centro de saúde, Unidade de Pronto Atendimento, contra a suspensão dos serviços de autocarros e por causa dos atrasos nos salários de funcionários públicos.

A cerimónia e a festa acabaram por ser canceladas pelo Comité Olímpico. A polícia militar teve que intervir e foram usadas bombas de gás e balas de borracha para dispersar a multidão, que chegou mesmo a atirar pedras à comitiva.

A onda de manifestações que se prevê para todo o mês de Agosto é apenas uma das ‘dores de cabeça’ da administração brasileira. A segurança é a mais preocupante. O governo mandou colocar mais de 85 mil polícias e militares na rua para controlar os mais de cinco milhões de adeptos que são esperados para assistir aos Jogos. Existem também ameaças terroristas.

Ainda com obras para acabar, o governo federal declarou o estado de emergência, no Rio de Janeiro, para poder receber uma verba extra que possa resolver os problemas financeiros de última hora. Mais de 10 mil atletas competem por medalhas nos primeiros jogos da história realizados na América do Sul.

NA POLÓNIA

Papa desafia católicos

De visita à Polónia, o chefe da Igreja Católica pediu a todos os católicos que acolham “aqueles que vêm de outras culturas, outros povos, e até aqueles de quem temos medo porque pensamos que nos podem fazer mal”. O discurso do Papa Francisco ganha outra dimensão porque foi feito precisamente num país que tem sido um dos mais críticos da União Europeia em relação ao acolhimento de refugiados. Mais ‘revolucionário’, o líder católico desafiou os católicos: “Lancem-se na aventura de construir pontes e destruir muros, vedações ou redes”.

Mais incisivo junto dos jovens, o Papa católico confessou sentir “dor ao conhecer jovens que parecem reformar-se antes do tempo”. É como se tivessem “desistido antes de começar o jogo”, reforçou, referindo-se aos jovens que “escolhem o caminho” que os leva “a falsas ilusões e a acabar em nada”.



A chanceler alemã Angela Merkel rejeita refugiados

ÂNGELA MERKEL MAIS DURA

Alemanha sem refugiados

A chanceler alemã, Ângela Merkel, tem rejeitado todos os apelos para reverter as medidas de acolhimento de refugiados, que foram tomadas no país. “Os querem pôr em causa o nosso sentido de comunidade, a nossa abertura e a nossa vontade de ajudar pessoas que necessitam, não podem vencer”, justificou a líder alemã. Ângela Merkel voltou a classificar os quatro ataques, em apenas numa semana, como “chocantes, opressivos e depressivos”, mas rejeitou a ideia de que as autoridades estejam a perder o controlo.

A chanceler alemã lembrou os ataques noutros locais — como França, Bélgica, Turquia ou nos EUA —, considerando que “aconteceram em locais onde qualquer um de nós poderia estar”. Merkel

reiterou a sua posição, a mesma que no ano passado e justificou a entrada de refugiados, que fugiam da guerra e de perseguições, muitos da Síria, num total de mais de 1,1 milhões.

“Eu continuo convencida de que conseguiremos — é o nosso dever e este é um desafio histórico em tempos de globalização”, considerou. Os quatro atentados recentes na Alemanha — um ataque com um machado, um tiroteio, um ataque à fachada e um bombista suicida — causaram 13 mortos, entre os quais três atacantes, e dezenas de feridos.

Três dos quatro atacantes procuraram asilo e dois dos atentados foram reclamados pelo autoproclamado Estado Islâmico. Enquanto a classe política alemã apelou à calma, partidos da oposição e críticos dentro do bloco conservador de Merkel têm-na acusado de expor o país a um inaceitável nível de risco, sem controlos mais rígidos sobre as novas entradas.

Ambiente

AMIGAS DO AMBIENTE E RESISTENTES A SISMOS

Casas sem ar condicionado

ECOLOGIA. O número de casas pré-fabricadas tem aumentado em quase todo o lado e são alternativas à construção tradicional. São 'amigas do ambiente' e feitas à base de esferovite.

Por André Kivuandinga

Cidades como Luanda, Lubango, Huambo, Uíge, Benguela e Namibe possuem casas ecológicas, denominadas 'amigas do ambiente', construídas pela empresa Nova Angospencer e que são feitas à base de esferovites e revestidas de cimento.

O projecto, criado há 10 anos, foi importado de Itália, que fornece a tecnologia. A ideia parte de um modelo de sobrevivência simples, adaptado a qualquer tipo de ambiente e clima. Carlos Gonçalves, responsável da divisão comercial da empresa, explica que o projecto visa contribuir para a "supressão do défice de casas sociais". "São residências mais acessíveis", reforça aquele responsável.

As casas têm uma temperatura favorável que não precisa de ar condicionado em todas as divisões economizando assim energia eléctrica.

Em 10 anos de existência, a Nova Angospencer já construiu residências em vários projectos estatais e privados. Com a crise, o volume de negócios baixou.

As casas seguem os modelos de pré-fabricação, em que são usados materiais como o esferovite, com polietileno e com um revestimento em cimento para fazer o betão e depois finalizada com azulejos. A casa pode ser construída em qualquer tipo de espaço, à beira-mar ou rio, incluindo prédios de até 15 andares.

As casas são consideradas 'amigas do ambiente', adaptadas para suportar raios e actividades sísmicas. Têm um período de vida estimado de 50 anos sem manutenção, mas, se tiverem uma manutenção regular, podem chegar a 100 anos. "Não racham, estão sempre intactas", garante Carlos Gonçalves.



Casa de esferovite da empresa Nova Angospencer

A empresa já construiu residências no Bairro Azul, no Zango 3, em Luanda, e no Bengo, e tem parcerias com os governos provinciais do Uíge, da Huíla, Namibe, Benguela e Huambo. A tecnologia é de fácil construção. Além de casas, pode construir-se, com o mesmo material, escolas,

hospitais, igrejas e até lojas, como são exemplos, algumas lojas Pepe, que foram erguidas pela empresa.

Uma casa pode ser montada em apenas três meses, em que são usadas apenas placas. A empresa emprega 100 funcionários, entre os quais seis expatriados, que estão a formar os angolanos.

A formação pode ser estendida aos clientes, caso queiram contratar os próprios pedreiros. Nestes casos, os clientes limitam-se a comprar o material,

De acordo com o responsável, se a empresa tiver mais obras, o número de funcionários poderá atingir 3.000, ultrapassando os actuais 100 funcio-

nários. A matéria-prima usada para o fabrico dos esferovites é importada da China.

Além de casas, a Nova Angospencer fabrica também chapas de zinco e portas vidradas e está localizada no Bengo, na zona industrial das Mabubas.

PREÇO DAS RESIDÊNCIAS, EM DÓLARES, POR TIPOLOGIA E CLASSE

T3 com uma suíte.
Classe A: B-58.000
Classe B: 58.000
Tempo de construção (TC) 60 dias

T2
Classe A: 50.000
Classe B: 37.500
Tempo de construção (TC) 30 dias

T3 de três suítes
Classe A: 179.550
Classe B: 159.600
Tempo de construção (TC) 90 dias

T4 e uma suíte :
Classe A: 292.500
Classe B: 273.000
Tempo de construção (TC) 120 dias

T4 com três suítes :
Classe A: 315.500
Classe B: 294.500
Tempo de construção (TC) 120 dias



Nenhuma das 65 instituições do ensino superior se serve das pesquisas como fonte de financiamento.



REDE SOCIAL TWITTER TAMBÉM ENFRENTA DIAS “DIFÍCEIS”

Apple com a primeira queda prolongada na venda de iPhones

Ligeiramente melhor, mas continuam com valores historicamente baixos. No segundo trimestre de 2016, a Apple vendeu 40,3 milhões de iPhones, menos 15% do que das 47 milhões de unidades vendidas no período homólogo no ano anterior. A maior queda veio do mercado chinês, onde a venda de smartphones desceu 33%, durante o último ano.

O vice-presidente e director financeiro da Apple, Luca Maestri, afirma que a empresa vendeu mais smartphones do que estava à espera e que a queda nas vendas foi menor do que a registada em Março, ao que o director chamou de “ponto mais baixo do nosso ciclo”. Mas, entretanto, como nota o Wall Street Journal, a Apple enfrenta a primeira queda prolongada nas vendas de iPhones desde que o smartphone foi lançado, em 2007. Os lucros da empresa desceram 27% no trimestre entre Abril e Junho.

Numa entrevista ao Financial Times, Luca Maestri diz que “a procura dos clientes foi maior do que tinha sido antecipado pela empresa há 90 dias”, o que é interpretado como sendo um “sinal positivo”.

O vice-presidente da empresa sublinhou o crescimento de 19% nas vendas de serviços, impulsionado por um crescimento de 37% nas vendas da App Store, a loja de aplicações da Apple, bem como um crescimento nas receitas dos serviços de streaming de músicas que equilibram as perdas originadas pela quebra de downloads no iTunes.

Das receitas com o iPad também chegam, pela primeira vez, boas notícias, graças ao iPad Pro, cujo modelo mais económico, com 9,7 polegadas, custa 778 dólares. Ainda assim, apesar do aumento de receitas, as vendas individuais dos iPads da empresa continuam a diminuir.

A popularidade do iPhone 6 não encontrou continuidade no modelo mais recente, o iPhone SE, que falhou a tarefa de manter o ritmo de crescimento de vendas. Em Abril, a Apple anunciou a pri-

47

Milhões de iPhones foram as vendas da Apple no segundo trimestre de 2015

40

Milhões de iPhones foram as vendas da Apple no segundo trimestre de 2016

meira queda de receitas em treze anos, acompanhada por uma queda de mais de 20% das acções.

O Twitter também enfrenta dias difíceis. A rede social dos 140 caracteres registou o crescimento mais lento desde 2013, avançou a Reuters. A empresa, que compete com o Snapchat e o Instagram, não tem conseguido lutar contra a estagnação de utilizadores.

PUB

www.macontransp.com

macon 

Seu Destino, nosso Objectivo

Aluguer, Fretamento & Turismo

A Macon Transportes está presente por toda Angola, excepto Cabinda, transportando pessoas para lazer ou trabalho há mais de 14 anos.

Realizamos os serviços de Aluguer, Fretamento e Turismo, para atender viagens de passeios, negócios e encontros diversos, além de soluções customizadas e adequadas para o transporte de funcionários de empresas entre suas casas e locais de trabalho.

Disponos de estrutura própria de atendimento e a frota mais nova do país, monitorada via satélite que significa maior segurança e pontualidade durante as viagens.

Fretamento



Urbano



Conforto para todo tipo de Viagem



Turismo



Autocarros Monitorados Via Satélite



A Macon têm as melhores opções para suas necessidades em Transporte, com serviços diferenciados com foco total no Conforto, Segurança e na Qualidade.



comercial@macontransp.com

923 61 61 58 / 226 21 35 04

Marcas & Estilos

Calçando conforto

Por incrível que possa parecer, os ténis da Rick Owens, de couro branco e de alta qualidade, foram criados a pensar no bem-estar dos seus pés. Com extremidades perfuradas, contrastam com os fechos no preto na língua e um fole de grandes dimensões. A sola e borracha são bem ao estilo italiano.



Encomendas funcionais

A Louis Vuitton já acostumou os gostos mais exigentes com a qualidade que lhe é peculiar. A nova mochila – assinada pela Josh Regatta – representa o artefacto moderno dos produtos saídos por encomenda.



Time's money!

Se há algo – para além dos atrasos – com que as senhoras não mais terão de se preocupar é o desperdício. Como o tempo é dinheiro, com este relógio da colecção Master, as suas horas serão aproveitadas até ao último minuto.



Simplemente perfeita

Como sempre... perfeição! A bolsa da Hermes de 30 centímetros foi feita inspirando-se na pele do crocodilo, em escalas simétricas bonitas. Traz uma caixa para todos os seus acessórios. Agora é muito mais simples!



Beleza artesanal

As cadeiras da Smithers of Stamford são o orgulho para quem quer marcar a diferença em casa. Prático e com um design quer para o interior, quer para o seu jardim, é uma bela obra artesanal de madeira que lhe dá todo o conforto.



Quadro

Julio Garcia é um artista do século XXI que, pensando em si, criou esta rara obra de arte – 'No Crepúsculo' –, que só pode se visualizada nas pinacotecas mais requintadas do planeta, como o Museu Internacional de Belas Artes de Houston, EUA.



Tranquilidades

Às sextas e sábados, Luanda oferece várias alternativas para quem queira jantar a ouvir música. O Zodabar é uma das melhores alternativas. Há bons músicos, como por exemplo Kizua Gougel, a tocar ao vivo, num ambiente agradável, ao ar livre, com uma piscina como vizinha. Entre os aperitivos habituais

– só eles 'matam' a fome –, há pratos de carne e os peixes grelhados. Mas nem só da noite vive o restaurante. Durante o dia, é uma excelente opção para almoços e lanches, em especial, para uma bebida de final de tarde. O Zodabar está localizado no centro no 'aparthotel' Colinas do Sol, em Talatona



O nosso 'Obama'

É uma autêntica 'estrela' em países que enfrentam conflitos ou que tenham de ultrapassar todo o tipo de dificuldades morfológicas. No primeiro caso, é popular porque serve de transporte a organizações internacionais, em especial, aos membros das Nações Unidas. Nos EUA e Canadá, até utilizado pelo exército. Por cá, ganhou a alcunha, dada pelo povo, de 'Obama', mesmo que não se saiba as razões. Pois o 'Obama' pertence à fábrica japonesa Nissan que, nas últimas décadas, ganhou prestígio na criação destes 4X4. O Patrol é a referência máxima que até concorre no segmento de luxo com os outros SUV. A marca garante que o Patrol é "engenhoso, requintado e totalmente dedicado a fornecer ao condutor um controlo total". A última versão até tem um volante revestido a madeira. Há versões com motores a gasolina e a diesel, de seis e quatro cilindros. Para as longas viagens por Angola, o Nissan tem dois tanques de combustível, com a transferência automática. Para quem gosta de aventura e de conforto.

“É preciso estabelecer metas e andar devagar. Muitas vezes realizamos grandes sonhos, só depois é que damos conta que custou muito dinheiro.”

TONI NGUXI, ARTISTA E COMPOSITOR

“A música promove a bajulação”

ENTREVISTA. Toni Nguxi deixou os palcos, não por causa do dinheiro, mas porque precisava de se identificar e buscar satisfação espiritual. Procura agora promover o folclore angolano, através de quatro projectos socioculturais que lidera: Akwafrica, Hanahene, Iumox, WezaAngola. Pensa que as empresas precisam de motivação para apoiar os artistas.

Por Amélia Santos

Tem sido a sua luta?

Não! Porque é uma luta política que está fora do meu alcance.

Porque o folclore não tem o mesmo dinamismo e a expansão da semba?

O semba também é folclore. Era uma dança cantada com batuque e à base do canto. Evoluiu, mas mesmo assim ainda é folclore. Precisa-se trazer o folclore e mostrar a todos. Nem todas as pessoas vão ter acesso ao campo onde o folclore está, é nossa missão trazê-lo.

Faz ‘músicas comerciais’?

Há muito que já não faço ‘música comercial’. Desde 2002, quando rompi contrato com a Gala Record International da África do Sul, descobri que o meu caminho não era estar à frente de luzes e fotografias. O meu caminho era entrar mais no campo, falar com pessoas e trazer mais a cultura.

Porque tomou essa decisão?

Sentia-me aflito, andar de palco em palco, que, muitas vezes, não tinham nada de cultural. A gente ia, às vezes, fazer publicidade de uma marca de cigarro ou disso e daquilo. Mas também, porque não me satisfazia espi-

Como está o panorama musical angolano?

Carece de um profundo trabalho. Passa primeiro por perceber que somos ricos musicalmente, existe um produto e um mercado grande e forte. Dá para fazer uma indústria e sustentar os fazedores e consumidores. Isso é uma verdade incontornável. Estruturar essa indústria passa por uma política do Estado. E depois desagua nas dificuldades que não conhecemos. A música angolana é um produto rico, mas a indústria é pobre. Só conciliando as duas coisas é que teríamos um mercado fértil. Do resto, é um mercado que, no fundo, acaba promovendo a bajulação. As pessoas têm de correr atrás do patrocínio e isso não se faz. Tem de se conciliar a riqueza da música e a política da industrialização do produto.



PERFIL

Nome: António José Augusto
Estado civil: Casado
Aniversário: 16 de Agosto
Formação: Jornalismo comercial
Ocupação: Artista
Referências no musical angolano/ estrangeiro: Waldemar Bastos, Bonga, Tela Lando, Sam Manguana, Kassav, Miriam Makeba e Salif Keita.

ritualmente. Descobri que a minha terra não era só Moxico, mas também Angola, África e o Mundo.

Qual foi o seu maior desafio?

O maior desafio fui eu mesmo. Tive de me superar e saber que o mundo não é meu inimigo. Só nos maltratam quando estamos num local que não é nosso. Temos de estar na sociedade como contribuintes e não como heróis e donos da verdade. O resto foi uma jornada e compreender que as lágrimas tinham de existir.

Recebe apoio de empresas?

Pessoalmente não! Os projectos fazem parcerias, trocas, e é assim que funciona o mercado. Não existe nenhuma empresa com um contrato permanente. Há sim parcerias que duram 24 horas, dependendo do evento.

Qual deve ser o papel do empresário na cultura?

Os fazedores de artes, por exemplo, não devem pedir patrocínio a uma empresa, sem que esta ganhe algo por parte do Estado. Quem dá a motivação ao empresariado é o Estado que deve descontar nos impostos. Ou seja, ela patrocina o artista e, no fim, apresenta as facturas ao Estado que lhe desconta nos impostos. As empresas não sabem o que vão ganhar quando ajudam e isso é uma falha grave.

Como está o projecto Hanahene?

Está na incubadora. Depende de algo que tem de ser feito a nível da SADC e depois a nível nacional. É provável que, até ao próximo ano, saia da incubadora. Falta também criar relações culturais, da arte feita no leste do país, e o intercâmbio dos países vizinhos, e isso passaria por uma apresentação a nível da SADC através do projecto ‘Iumoxi’.

O que é o projecto ‘Eu ainda sou uma criança’?

Foi lançado em 2010 e tem como objectivo transformar os campos de batalha em parques infantis. Começamos com o Kuito Kuanavale. Em 2011, sentimos necessidade de fazer uma pausa e ir buscar mais forças. É um projecto de carácter pedagógico-cultural

Acarreta custos?

Acarreta, mas é preciso que o criador não fique muito agarrado aos custos e à contabilidade, porque os números assustam e fica-se desmotivado. É preciso estabelecer metas e andar devagar. Muitas vezes realizamos grandes sonhos, só depois é que damos conta que custou muito dinheiro.

Lidera quantos projectos?

Só o programa chamado Akwafrica, com várias segmentações e projectos com equipas constituídas. Tem o ‘Eu ainda sou uma criança’, ‘Hanahene’, ‘Iumoxi’ e ‘WezaAngola’. Todos virados ao activismo sociocultural com acções construtivas e positivas. São todos semelhantes, mas com momentos e objectivos diferentes.

NÚMEROS DA SEMANA

2

Mil milhões de kwanzas, total do financiamento do programa 'Angola-Investe', na província da Huíla, em projectos de agropecuária, indústria e turismo.

23,9

Mil milhões de dólares, valor alcançado pelas Reservas Internacionais Líquidas de Angola, em Junho, indica um relatório do BNA.

18,1

Mil milhões de dólares, valor estimado que a dívida pública nacional pode atingir até final de 2016.

250

Mil litros de mel são produzidos, anualmente, no município do Cuemba, a Leste da cidade do Kuito, província do Bié.

FUNÇÃO PÚBLICA

Estado prevê cortes nos salários

O Estado prevê poupar 136,2 mil milhões de kwanzas nos gastos com as remunerações dos funcionários públicos. A medida surge na sequência do processo de revisão do Orçamento Geral do Estado (OGE) de 2016, que deve ocorrer, em breve, conforme confirmou recentemente, ao VE, fonte do Ministério das Finanças.

O departamento ministerial liderado por Armando Manuel tem trabalhado na base de um documento de "Reprogramação Macroeconómica do Executivo", que serve de linha orientadora à revisão em curso nas contas do OGE deste ano, devido à quebra nas receitas do petróleo.

No documento em causa, o Governo revê a rubrica das "remu-



Armando Manuel, ministro das Finanças

nerações dos empregados" para 1,361 biliões de kwanzas, contra os anteriores 1,497 biliões de

kwanzas. O resultado é um corte de quase 10%, equivalente a cerca de 138 mil milhões de kwanzas, nas despesas com os vencimentos dos trabalhadores do Estado. Ainda assim inferior ao corte de 11% que, globalmente, o Governo prevê para o conjunto das despesas correntes, que passa com esta revisão para 3,091 biliões de kwanzas.

O processo de recadastramento e registo biométrico dos trabalhadores do Estado é uma das estratégias que o Governo prevê para reduzir estes custos, tendo já permitido eliminar mais de 55.127 funcionários públicos "fantasma" entre Setembro e Maio, anunciou anteriormente o Ministério das Finanças.

Instituto John Maxwell em Angola

O Instituto mundialmente conhecido por John Maxwell foi lançado, em Angola, numa parceria com a empresa Potter's House, revelou, ao VE, o presidente da comissão organizadora do evento "Eu posso liderar", Esmael Pinheiro Sebastião, durante um seminário que ocorreu a semana passada.

Através do Instituto, a empresa Potter's House prevê realizar vários seminários e acções de formação em Luanda, todos os meses a partir de Agosto. A empresa prevê ainda criar trabalhos para formações específicas, direccionadas a trabalhadores ligados aos recursos humanos e à alta liderança do país.

Durante o seminário de três dias, que encerrou na última sexta-feira, Esmael Pinheiro Sebastião revelou que o objectivo de potenciar os líderes existentes

e promover a ascensão de outros, no mercado, foi alcançado.

O seminário contou com cinco formadores internacionais. Richie Achukwu afirmou que, durante o seminário, percebeu que, em Angola, "as pessoas estão com fome para liderar. E estão prontas para dar os próximos passos na liderança".

A acção, que decorreu no Centro de Conferências de Talatona, incluiu temas como "A qualidade de um líder autêntico", "O preço da liderança", "Marca de um líder", "21 irrefutáveis leis da liderança", "O líder 360 graus" e "As poderosas leis do trabalho em equipa", entre outros.



Ismael Sebastião da comissão organizadora



BNA vende 106 milhões de euros

O último leilão do Banco Nacional de Angola (BNA) contabilizou, na semana de 18 a 22 de Julho, 106,2 milhões de euros (118,7 milhões USD) em vendas segmentadas para os bancos comerciais, revela o relatório de semanal do banco central.

De acordo com os números do BNA, o valor foi distribuído para cinco sectores definidos como prioritários, designadamente para a cobertura de necessidades das empresas prestadoras de serviço ao sector petrolífero, com uma fatia de 35,8 milhões de euros, para a cobertura de operações de bens alimentares (7,2 milhões) e para a cobertura de necessidades de empresas diversas (22,7 milhões).

A última oferta de divisas à banca deu ainda cobertura às operações de viagens e ajuda familiar, com uma saída que prosseguiu de 22,4 milhões de euros, e mais 17,9 milhões de euros, para a cobertura de operações de cartões de crédito.

O VALOR ESTA SEMANA

PARA DIVISAS

BNA tenta novas soluções

O BNA estuda a possibilidade de incluir novos mecanismos de distribuição de divisas no mercado cambial, num processo que deve integrar 14 dos 28 bancos com operações em Angola. A estratégia deve ainda incluir as áreas de mercado dos bancos comerciais, para "repor de forma gradual, programada, organizada e prudente, os recursos externos para todos os sectores da economia". **pág. 16**

Bernarda Martins, ministra da Indústria



ESCASSEZ DE RECURSOS

Indústria rural a meio gás

O Programa de Fomento a Indústria Rural (PROFIR), previsto no PND 2013-2017, está com um grau de execução de 20%, devendo atingir os 50% somente no final deste ano. A escassez de recursos está a 'atrapalhar' a implementação do projecto que, no entanto, já funciona nas províncias de Benguela e Zaire. O programa prevê operacionalizar 256 pequenas indústrias, até 2017. **pág. 10**

NA AGRICULTURA

Crise faz novas vítimas

O orçamento da agricultura do Namibe ronda os 88,4 milhões de kwanzas, tendo sido já executado na ordem dos 17%, equivalente a 15,8 milhões kz. No entanto, o valor não chega para implementar cinco dos principais programas do sector aprovados para este ano, pelo governo provincial, que atribui as 'culpas' pela situação à actual crise financeira que assola o país. **pág. 12**